Foto.
A. GOMES
NITEROI.

ANNO 3 Nº 40
RIO 1 DE JANEIRO 1916

400 Rs.

Sta. Helena Dosdwski

CASA GONÇALVES

FABRICA

DE

Plissés, accordeons, botões
passemanaria

Armarinho e Novidades

BORDADOS E POINT
Á JOUR

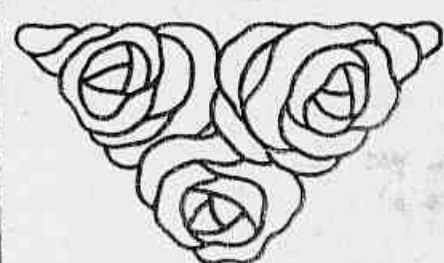
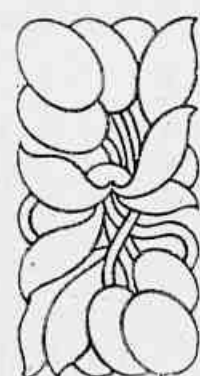
Casa especial em forros,
enfeites para
vestidos e aviamentos.

Gonçalves Irmãos

Rua 7 de Setembro

N. 165

Em frente ao PARC ROYAL

Telephone Central 3958 — Rio de Janeiro

A Livraria QUARESMA acaba de publicar:

O Cozinheiro Popular

ou Manual Completissimo da Arte de Cozinha

Verdadeira encyclopedia culinaria, onde ha receitas para todos os gostos, todos os paladares. Além das comidas estrangeiras como **franceza, portugueza, ingleza, allemã, chineza, polaca, turca, russa** e de todos os paizes da terra, com as suas especialidades, ha tambem a cozinha verdadeiramente nacional: **guizados mineiros, quitutes** bahianos, **genero paulista, iguarias do norte, manjares do sul,** principalmente do Rio Grande. Tudo quanto se quizer! **moquecas, carurús, angús, feijoadas á bahiana** com leite de côco e o celebre prato bahiano **frigideira,** etc., etc. Ainda mais: esse preciosissimo livro ensina tambem tudo quanto diz respeito a pastelaria — **empadas, tortas, pasteis,** etc. e contem um MANUAL DO COPEIRO, que é a arte de servir e pôr a mesa, segundo a etiquêta, com todos os ff e rr, e qne nem todos sabem! Trazendo mais ainda uma **collecção de menus para banquetes,** em portuguez e francez, de fórma a facilitar os *maitres d'Hotel.* a organizar qualquer banquete só com o auxilio deste precioso livro.

Nova edicção de 1916 augmentada com O LIVRO DOS DOCES

Contendo centenas de receitas de **pães de lot, pães leves, pudins, biscoutos, petits gateaux, tijelinhas, bunuellos, lunchs, tortas, tortinhas, galettes, sobre-mezas diversas, doces de fructas, cremes, geléas, marmeladas, bôlos, bolinhos. fios de ovos, trouxas de ovos, mãe bentas, bom bocados, manjares, bábás, caramelos, queijadinhas, fructas em caldas** ou **compotas,** etc.

Um grosso volume encadernado, de 500 paginas 5$000

AVISO A LIVRARIA QUARESMA remette para o interior com a maxima brevidade possivel e livre de despezas do Correio, bastando tão sómente enviar os 5$000 em dinheiro, (não se acceitando sellos), em carta registrada. com valor declarado, dirigida a **Pedro da Silva Quaresma,** rua S. José ns. 71 e 73 — Rio.

A MAIS ARISTOCRATICA REVISTA DE MODAS

E' INCONTESTAVELMENTE A

A' venda na CASA SLOPER 187-189 Ouvidor RIO

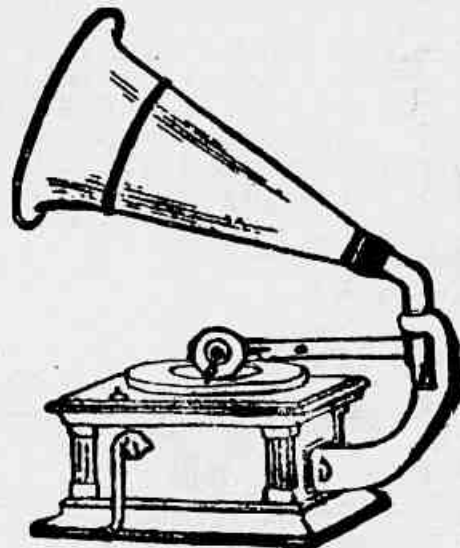
A' venda tambem nas principaes livrarias do BRAZIL

CADA NUMERO REPRESENTA UM ARTISTICO VOLUME COM BELLAS GRAVURAS E TRAZ SEMPRE UM MOLDE GRATIS.

PREÇO AVULSO 1$500

GRAT

50:000$000 dados inteiramente gratis em bellos e custosos premios áquelles que nos auxiliarem no annuncio e nomeação de agentes para nosso grande sortimento de sementes de flores de rapido crescimento, especialmente escolhidas. Nossa lista de premios comprehende: bellos relogios, pennas-tinteiros, braceletes, anneis de anniversarios, gramophones, etc. Os gramophones são apropriados para chapas de qualquer dimensão e de qualquer marca, e são providos de um motor de primeira ordem. Mede, na base 0m 28 × 0m 28 × 0m 16, construidos de madeira de lei, caprichosamente envernisada. A corneta acustica é lindamentente decorada a cores sortidas, com 50 centimetros de comprimento por 40 centimetros de bocca. Estes gramophones são completos em seus detalhes e offerecemol-os inteiramente gratis. Mande-nos o seu nome e endereço por extenso e remetter-lhe-emos á consignação, para serem vendidos dentro de 30 dias, 60 pacotes de sementes de flores sortidas (livre de todas as despezas). Vendida então as sementes a 300 réis cada pacote, remetta-nos o dinheiro que apurar da venda, e nós remetter-lhe-emos, incontinenti, o premio valioso a que tiver feito jús, e exactamente de conformidade com as condições do nosso catalogo que vai junto com as sementes. Não custa nada experimentar. As sementes que não forem vendidas dentro dos 30 dias estipulados devem ser devolvidas juntas com o dinheiro que poude apurar. Esta é a melhor e mais genuina offerta gratis que jámais lhe foi feita, e V. S. ficará encantado com os premios que receber. Convidamol-o a fazer uma visita á nossa grande exposição de premios.

SEMENTEIRA EUROPÉA Secção de Premios -- Rua da Quitanda, 152 RIO DE JANEIRO

O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

Rua do Ouvidor 151 - Rua da Quitanda 79 (Canto Ouvidor) **- Rua Primeiro de Março 53**

Filial: Rua 15 de Novembro 50, S. Paulo.

O Turf Bolo e mais apostas sobre corridas de cavallos — RUA DO OUVIDOR N. 181

Marido e mulher

Muito se tem escripto e falado sobre os melhores meios de se obter todos os bellos resultados que nos póde dar o casamento. Entretanto é este assumpto um daquelles sobre que nunca poderemos falar demasiadamente: ha sempre alguem que póde ouvir alguma novidade, que o aconselhe e melhore ou, pelo menos, lhe confirme as velhas noções.

O verdadeiro casamento é a união do marido e da mulher em amor reciproco para amar o Pae, no céo, e o irmão, na terra. O casamento civil só é a promessa que os amantes fazem perante a sociedade, que hão de casar dessa maneira. Mas esse amor de que falamos precisa ser desapaixonado: só assim, poderá ser cultivado no jardim da familia; só assim, livrar-se-á das furias da sensualidade e ciume.

A grande arte da vida de casados consiste na conservação do amor juvenil, de modo que este possa amadurecer e produzir aquella verdadeira consagração religiosa que liga a verdadeira familia á sociedade e a Deus.

O primeiro passo necessario para esta educação no casamento christão é o respeito do marido em natureza da mulher e vice-versa, e o esforço mutuo para desenvolver essa natureza do modo designado por Deus.

O verdadeiro marido deseja que sua mulher desabroche na melhor mulher que se póde tornar, pois elle sabe que quanto mais ella attingir a perfeição da natureza, mais feliz o fará. Do outro lado, a verdadeira esposa ambiciona fazer do marido o melhor typo do homem, em nobreza d'alma.

A crença geral á cerca das relações de marido e mulher é que o marido é o soberano natural na vida da familia. Esta crença, porém, é um dos muitos restos e vestigios do paganismo que ainda hoje vemos nas sociedades civilisadas e christãs.

O homem não é o gigante que nos pintam os romances e a litteratura da época, nem a mulher é aquelle anjo doce e flexivel que se arremeça aos pés daquelle gigante e lhe pede que o pise, e o monstro, apanhando-a nas palmas das mãos e soffrendo paixão titanica pelos martyrios daquella creatura fraca e insignificante, resolve protegel-a e inaugura-se como o senhor de uma grata escrava.

Tudo isto é paganismo,—não é de certo a idéa christã do casamento. O Apostolo Paulo é muitas vezes citado para sustentação de doutrinas que nunca emittiu.

A base do seu ensino é a soberania do amor e abnegação. A obediencia que a igreja christã recommenda é a consagração, o respeito, o tributo voluntario da alma á superioridade, porém esta superioridade não é a do sexo mas a do amor, o qual sendo christão anulla a simples vontade autoritaria, e em vez della crêa a autoridade da santidade. O marido christão obedece á mulher, e esta obedece ao marido, na qualidade mutua de representante da lei divina: ambos obedecem a Deus, servem á humanidade e nesta consagração, negam-se a si mesmos. E este amor perfeito não é temor nem servilismo.

Depois da conservação de amor, de que falamos, o segundo requisito da felicidade da união conjugal é que, marido e mulher, ambos se resignem alegremente aos deveres, tentações e tribulações da vida. Cada um tem a sua esphera providencial de actividade, que, com o tempo, apparecerá; e o consorte, que tenta alliviar o outro de sua responsabilidade pessoal, só causa mal.

Ha muitos maridos que estragam as mulheres por um desejo pernicioso de escudal-as das experiencias duras da vida e de fechal-as, por assim dizel o, numa redoma de vidro onde só sejam vistas, cercadas de elegante lazer e de chimeras bonitas. E ha tambem muitos paes que estragam assim as suas filhas. Ora, isto é a peor sorte que podem ter.

Mulher quer dizer força.

A mulher que tem medo da vida real não presta para nada. A mulher idéal não é a organisação altamente nervosa, sentimental e vadia que até se atira ao crime, só por amor da loucura ou exquisitice, que lhe dá falsa noção de superioridade:—a mulher verdadeira é activa, alegre e sã, de corpo e alma, e está prestes á seguir o caminho onde Deus a chamou, sem temer cousa alguma que se anteponha ao cumprimento do seu dever. E' ainda indispensavel á felicidade conjugal que ambos os conjuges saibam tolerar com equanimidade as mutuas faltas.

Defeitos, todos nós os temos e a felicidade domestica depende ao mesmo tempo da nossa fidelidade a um idéal perfeito e da caridade e espirito inquebrantavel de soccorro e conforto mutuo nas fraquezas humanas. Marido e mulher devem lembrar-se que não são nem jámais foram anjos, e que o meio de remediar os defeitos naturaes não é de certo pranteal-os aos amigos ou visinhos. O casamento verdadeiro deve ser uma escola constante de mutua reforma,—mas não de uma reforma prolongada em tom autoritativo, seja de que conjuge for,—mas trabalhada pelo amor e pela abnegação. O marido governa mais a mulher pelo que não lhe diz,—e vice versa. Onde ha verdadeiro amor e estima, ha tambem delicadissima percepção de desejos e gostos.

E' a falta desta delicadeza que causa quasi sempre a ruptura da paz na familia.

E esta falta provém da ausencia do amor e da abnegação (o que é a mesma cousa) e da presença do egoismo. Ora, o egoismo procede da falta deste principio superior do amor e do dever que só a religião nos dá. A base, pois, da felicidade conjugal é o amor dos conjuges por intermedio de Deus e Christo,—é o esquecimento do eu no outro esposo, formando perfeita unidade, como a alma e o corpo. A nossa civilisação semi-pagã reconhece com effeito uma unidade,—mas a do homem, com exclusão da mulher, e, ás vezes, a de mulher com exclusão do homem. O verdadeiro christianismo não exclue nenhum, mas funde-os num só e diz:

«O que Deus uniu não o separe o homem», «Não são dois, mas um na mesma carne».

MAIS OUTRO...

O soneto publicado no numero passado com o titulo AMOR DE PALHAÇO e assignado por D. Paquito é de autoria do padre A. Thomaz, que o publicou com grande successo em 1912 em um jornal do Ceará. O Pereirinha a quem foi dedicado o soneto ficou 'encabulado' com a noticia deste escandaloso plagio e pena é que D. Paquito não seja conhecido pelo seu proprio nome para ficar bem patente a sua má acção, illudindo a nossa benevolencia e boa fé.

Pic-nic realisado na ilha do Engenho, por distinctas familias desta capital e cuja organisação foi confiada a uma commissão composta das senhoritas Hercilia Baltar, Leopoldina Costa, Eugenia Baltar e srs. tenente Angelo Bittencourt e M. G. de Araujo

Collegio Libano-Brazileiro

Bellissima e muito concorrida foi a festa do encerramento das aulas no dia 26 de Dezembro no Collegio Libano Brazileiro, de que é fundador, director e proprietario o conhecido polyglotta dr. Jean Achar, secretario da Associação Polytechnica de Paris, professor da Escola Superior do Commercio e do Collegio São Christovão.

A's 14 horas, perante uma assistencia numerosa e selecta, foi aberta a sessão pelo dr. Jean Achar, que convidou para occupar a presidencia o dr. Max Kitzinger, director da Escola Superior do Commercio, do Collegio Franco-Brazileiro, secretario do Archivo Nacional e subdelegado da Associação Polytechnica de Paris. Nessa occasião foi dada a palavra ao sr. capitão Theodosio de Oliveira, professor do Collegio Libano Brazileiro. Em seguida teve inicio o programma litterario, fazendo-se ouvir, depois do Hymno Nacional, as intelligentes alumnas Magdalena Edde, que com viva expressão disse o soneto «Meditando»; Julieta Carmo, no «Saudade»; Olga Abrahão, Wadiha Chehab, Alice Abrahão e o intelligente menino Jorge Marun, foram enthusiasticamente applaudidos pelo modo correcto como se conduziram nos differentes numeros a seu cargo, declamando em portuguez, arabe e francez.

Em um dos intervallos foi entoada a Marselheza, seguindo-se depois a segunda parte do programma.

Muito interessantes foram tambem os recitativos feitos pelas meninas e meninos Olga e Alzira Abrahão, Alzira Edde, Adelia Lazaro, Amelia Assmar, Alidallalo José Manoel Moreira, Elias Kabil, Antonio Aniz, Nehme Assmar, Eugenia Yunès, Magdalena Marun, Alduina Abrahão, David Thelio, Badiha, Sergia e Antonio Firjam, Amelia Lazaro, Maria Salomão, Agostina e Victoria Joaquim.

Finda essa parte falou em arabe o sr. George Assas, presidente da Associação Christã dos Moços Syrios. Falou tambem o conhecido professor sr. Holim Fares, saudando o Brazil e a França.

Muitos cantos seguiram-se depois nas tres linguas.

Falou no fim o dr. Jean Achar, num vibrante discurso saudando o Brazil hospitaleiro e a grande França intellectual, agradecendo aos representantes da imprensa, mostrando a importancia do ensino e porque o collegio Libano Brazileiro ensina as tres linguas: portuguez, arabe e francez.

Os trabalhos expostos constavam de lindos acolchoados, bordados, a ouro, a prata, trabalhos de agulhas e pintura, secção cuja professora é Mlle. Alzira Dumian, que é muito conhecida no meio artistico, professora tambem no Collegio São Christovão.

Da "Companhia de Seguros Anglo Sul Americana", recebemos e agradecemos uma magnifica folhinha para o anno de 1916.

A' amiguinha Honorina Pereira

Assim como os passaros sentem-se alegres quando estão em plena liberdade, o meu coração, querida amiga, acha se satisfeito por encontrar em ti a amisade sincera.

Paracamby — Maria Leal

Querido irmão Luciano

Partiste deixando o meu coração banhado em ardentes lagrimas; tenho fé que, mui breve, de alegria serão estas lagrimas, quando voltares.

Edméa Muniz Alvares de Azevedo

A' Exma. Sra. D. Maria Soares Vieira

O amor materno é um sentimento puro, desinteressado e... immorredouro. Feliz daquella que tem o venerando nome de mãe; e ditosos os que o conhecem.

Emma M. A. Azevedo.

Teus olhos

A quem me entende

Quando te fujo e me desvio, ó bella,
Para esquecer de ti esta saudade,
Vejo na frente, como que na tela,
Os teus olhos de riso e de bondade.

Antonio Silva

Ao Lulu

A minha vida sem o teu amor seria um batel sem leme.

Léa Antonieta

Ao H, V. A.

Hypocritas e judas são aquelles que vivem a enganar os corações com falsos amores!

E. Novo, 18—11—915 — Noire

A' boa Nair

Um acaso levou meu olhar triste a descobrir um dia o teu, e foi tão intensa a luz com que o feriste que o pobre olhar morreu.

Eu

A' Edith

Quando se ama sem se ter a minima esperança de ser correspondido, sente-se a dor mais cruel que póde ferir um coração humano.

Sylvio Cardoso

A' C...

Anjo seductor! Visão celeste que meu viver enflora! Lyrio mimoso entreabrindo o pequenino calice e deixando exalar dentre suas petalas de meiguice o perfume da innocencia!... Virgem querida! Quantas vezes scismando no affecto puro que te consagro, sinto-me desfallecido ante o pungir cruel da incerteza!...

Zillo

*A' ****

O amor é a poesia d'alma e muitas vezes, o algoz do coração.

Walkyria de Mattos Braga.

A's collegas do "Jornal das Moças"

O amor não é dado a todos; quantas vezes o amor traz soffrimentos, porque aquelles que são amados não sabem corresponder com o mesmo affecto.

Pensam as amiguinhas que eu amo, não é verdade? sim, amo o *Jornal das Moças*.

Almerinda Carôllo.

Jacarepaguá.

Ao Henrique

Dia feliz aquelle em que nos encontramos naquelle vasto jardim! O olhar seductor e attrahente que me lançaste feriu o meu coração, que hoje vive acalentado nas esperanças de um futuro risonho.

H. R. C.

Lina

Divisando-te sob o ponto essencial na tua vida espiritual, concluo: assim como podes ser o anjo da paz, para consolo do lar; podes tambem ser o demonio, para seu eterno desespero...

Lino

A quem eu amo

Eu leio em teu coração que o amor que me dedicas não passa dum simples brinquedo, e o teu pensamento vôa por outros lados, onde alguma illusão te engana. Ora, eu ao reconhecer em ti todas estas indifferenças, apodera-se de mim um terrivel ciume que dilacera minh'alma a todos os instantes.

Portanto, querida, si me amas ou me queres amar, estuda os segregos do meu coração ciumento, e não queiras dar-me a morte por tuas proprias mãos.

Lazaro A. Mattos.

S. Paulo.

Ao Waldemar

Rio de Janeiro

O coração saudoso traz comsigo as doces recordações de um passado ditoso.

Ritinha.

Campinas.

A Cotinha

A ausencia é um martyrio para os corações sinceros.

Ritinha.

Campinas.

A' E. R. T.

A esperança é o unico lenitivo para todo aquelle que ama sinceramente.

Neve.

Cascadura, 19 — 11 — 1915.

Ao scintillante espirito do conde de Macadam

Si o homem substituisse a sua perenne maldade, pela benevolencia, com que aliás deveria agir, o mundo seria um paraiso.

Condessa Rojane.

Rio, 1915.

A quem me entende

O signal que completa a belleza de suas faces e que não é senão uma braza do fogo de meu coração, parece uma gotta de ambar num prato de marmore.

Poly.

Rio.

A qui j'adore...

Depuis le moment que je eu la supreme venture de vous aimer, la route de ma vie est illuminée par deux grands phares qui sont vos yeux.

Pierrot.

Rio.

A' alguem

As saudades são os acerbos espinhos que ferem o meu triste e amargurado coração.

Edméa Muniz A. A.

Ingratidão

Embora tu não me ames
Eu sempre hei de te amar,
O amor que eu te dedico,
Jámais se ha de acabar.

Dedico-te um amor sincero
Do intimo do coração,
Apezar de tu ferir-me:
Co'a mais negra ingratidão.

A.

E. do Rio, 24 — 11 — 1915.

A' senhorita C. Amazonas

A esperança é uma ponte por onde os apaixonados costumam passar recordando os passados felizes.

L. Ribeiro.

Ilha Gronde, 29 — 10 — 915.

A' quem me for sincero

A confissão d'uma affeição pura e ardente queima-me os labios, mas como fazel-a se não confio nos homens?

Heida.

Rio, 1915.

A' Maria

E' certo o que dizeste no postal a mim dirigido, pois que eu amei alguem com toda sinceridade, mas fui trahido e cruelmente.

A.

E. do Rio, 24 — 11 — 1915.

Eleuzina de minh'alma:

Dos teus annos hoje é o dia.
Eu, que te amo e venero, e, a cada passo,
Canto e exulto de alegria,
De parabem te envio um só abraço!
Tu não leves isso a mal:
Mereces mil abraços e louvores,
Mas, é que neste postal, —
Onde te expeço do meu estro as flores, —
Ha tão pequeno espaço,
Que só cabe um abraço!

De Anchieta Gondim

Rosinha :

Não mais desperto sob a alacridade luminosa do teu sorriso. A viagem do expresso não tem para mim o encanto da tua companhia. Nunca te falei, mas, nos minutos vertiginosos em que te via, os meus olhos diziam tudo, revelando a felicidade de um sonho longamente acariciado. E sorriamos de ventura, de medo, de anciedade... Ha tres longos mezes que não te vejo a figura gracil e não mais adormeço sob a luz crepuscular da visão deliciosa de teu semblante. Nas alturas alcantiladas do outeiro não te posso descobrir. A angustia invade-me e sinto a solidão do abandono e da duvida. Que ao menos a tua saude não tenha soffrido abalo e não seja esta a causa da tua ausencia. Compadece-te do teu discreto admirador.

J...

A'o inesquecivel grupo Petropolitano

Viver sem amar é tão impossivel como viver sem respirar. O ar dá alento aos mortaes e o amor ajuda-os a viver.

B. Urze

Saudades

Faz quasi dois annos que esta singela flor participa de meu viver e soffre as minhas torturas de amor; mas, sempre bella! sempre viçosa!...

O tempo, que tudo consome e faz desapparecer, ainda não teve força para consumil-a, nem para fazel-a emmucherchar.

Vive triste!... coitadinha... junto dos lyrios e rosas, suas unicas companheiras, num canto do jardim que é meu coração.

Soffre, porque outr'ora vivia entre silvados jardins, e, conchegada a suas companheiras, entoavam o hymno do amor.

W. P. C.

A' mui cara Camelia Branca

O amor é um barquinho que nos conduz ao porto do ideal.

—

A' querida Nicota Sette

Não ha sol mais radioso que o olhar do sêr amado.

P. Nova, 17—11—915. Aliets

A' senhorita Izaura C.

A insensibilidade é o guia de meu cruel destino.

Oresval dos Santos

A' ella

Vejo-te murcha, linda flor, sem o viço e a louçania quando, na manhã primaveril, colhi-te orvalhada e cheia de vida. As tuas petalas de tão lindo colorido, que tão suave odôr rescendiam, amarelleceram saudosas e tristes. Assim eu, nas minhas illusões, nos meus pensares. Como tu, tambem morro de tristeza e saudade. A ti, falta o tronco que gerou-te, que deu-te a vida; a mim falta o sorriso de Roza, o calor de seus olhos de Madona que é o sol da minha vida.

Isaac do Nascimento

A' Nevinha

A musica é uma symphonia celeste, que transmitte os nossos pensares ás mais longas distancias, e que, tocada com a harmonia angelica que lhe sabe imprimir, nos traz muitas, mas muitas recordações saudosas!

S. Christovam, 17—10—915.

Myosothis Roxo

Saber que ha um coração que palpita pelo nosso é uma ventura. Sentimo-nos felizes, e desde esse momento começamos a amal-o, mas não com esse amor hypocrita baseado na phantasia. Mas sim, com o puro e verdadeiro amor que permittem as forças do coração feminino. Desejamos a cada momento dar provas da nossa lealdade, e no emtanto quantas vezes essa creatura nos despreza, allegando a inconstancia nas mulheres, e vae em busca de outro coração feminino, e nelle faz germinar a hypocrisia e a ingratidão!

Como soffreis, corações, quando vos AMA um coração masculino!

Barbacena Adelia V. R.

A' Maria

Amo-te com a puresa do meu primeiro amor; meu olhar não mente. Queres occupar o primeiro logar no meu coração?

M...

Acrostico

Anjo celeste, do Senhor querido,
Nasceste cheia de graça e pura!
Gloria do peito, sacrosanto amor!
Enviada de Deus ao lar materno,
Lindo botão de puro amor rosado,
Inclito Archanjo, filha de Maria;
Na vida sejas meu guia eterno,
A ti confesso o meu sincero amor!

Rio, 21—12—915 (Terra Nova)

Duse

A quem amo

A esperança é um balsamo sagrado, enviado por Deus para suavisar as dores de nossos corações, dando-nos forças para soffrermos resignadas as injustiças e ingratidões do nosso amado.

C.

Para uns attrahentes olhos azues

Olhos encantadores, fascinantes!... Se tu soubesses... se podesses traduzir em meus olhares que a medo são furtados, o que se passa em meu coração!... O teu olhar é um iman, quero fugir a este grande fluido e não posso; sinto-me attrahida. Talvez... si eu te confessasse quem sou... Não, nunca saberás; apenas te faço sciente de que: —Dominaste um coração rebelde, que nunca sentiu e nem comprehendeu esta palavra — Amor.

S. Christovam ***

A' alguem

A mulher que crê no homem é porque não sabe o quanto elle é voluvel.

Julieta

Ao Paulo B. (Billot)

Meu coração foi no tempo em que me amaste, um vasto e bem cultivado jardim, onde havia rosas, cravos e jasmins; hoje com a tua ingratidão tornou-se um intenso mattagal onde só existe a triste flor — saudade!

Ipanema—Rio P. A.

A' prima Albertina

Os teus olhos são para mim como uma estrella d'alva que brilha em uma manhã serena.

Madureira Marianno Campos

A' N...

O riso da mulher é um enigma mysterioso, uma mascara hypocrita que muitas vezes fascina o homem conduzindo-o aos mais revoltantes vicios... para satisfazer os caprichos de quem falsamente finge a dedicação de uma amisade verdadeira.

A. Lemos

A uma ingrata

Saudade! Palavra que me faz recordar a cada momento a pessoa a que tanto amo e cujo amor é correspondido.

C. M.

A' Laurinda de M. X.

Sonhar. . Mas sonho é a realidade da vida espiritual. Quero sonhar, sonhar que te amei e que te amo, e morrer no meu sonho de amor que nunca realisei.

Na treva desta vida, minh'alma te procura tanto... tanto!...

Chiquito

Esperança, meiga esperança, irmã dos soffredores, abre-me teus braços. Deixa que eu, num pranto sincero, desabafe as maguas que opprimem meu desolado coração.

E neste mesmo pranto, esqueça as ingratidões do mundo illusorio, creado pela phantasia, e alimentado pelas chimeras.

Recolhe-me em teu seio, boa esperança, não me abandones um só momento!

Barbacena Adelia V. R.

Exilado

A Caethé

Quando me deito, Dalila,
Inda uma estrella scintilla
No meu triste coração;
E' Vesper a progenitora,
Que em sua luz protectora
Vem trazer recordação,
Ao teu pobre namorado
Que sofre desventurado
A cruel separação...

Meyer H. C.

A' ti

A tua imagem é a bussula que eu sigo neste mar de esperanças e de illsões.

Lª Antonieta

A' inseparavel Zezé

Eu vivo qual mendiga que implora a caridade, solicitando com prazer a tua eterna amisade.

Riachuello Deolinda

ANNO III RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1916 NUM. 40

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . 6$000
Pagamento adeantado

Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração: Rua da Assembléa 47, sobrado — Caixa postal 421

ANNO BOM!

Leitores em geral, que, ao entreabrir-se da rosea cortina aurorial deste dia, comece desde logo a desprender-se da vossa retina, ainda estremunhada pelo somno, essa sombra de tredas visões com que tanto nos andou a apavorar o anno que lá se escôa e que viveu a espalhar por quasi toda a terra, véos de luto, gritos de terror, lamentos produzidos pelas angustias da fome e tremendos horrores da guerra.

Que desde esse instante comece a luzir no horisonte de vossa vida esse brilho, embora indeciso ainda, de risonha esperança que vos venha embalar os sonhos para mais suave jornada pelos dias, menos amargurados sem duvida, do Anno que hoje abre as amplas e luzentes portas á humanidade, exhausta de tantos soffrimentos.

Quanto a vós, queridas e gentis leitoras, o anno que hoje começa será para algumas todo cheio de venturas e alegrias, emquanto que para outras será um intermino rosario de ineditas amarguras.

Haverá neste anno, como houve nos annos que se passaram e haverá nos annos que vierem, toda a lugubre procissão da Dôr martyrisando os pobres corações dos loucos sonhadores, bem como haverá tambem radiosas alvoradas de alegrias mil...

Para aquelles que vivem eternamente num sonho ridente de suprema ventura, este anno novo que ora surge será — quem sabe? cheio de horriveis provas, de infelicidades sem conta, de innumeras amarguras... No emtanto, para aquelles que vivem soffrendo eternamente o rude açoite da desgraça, talvez que novos dias despontem, cheios de uma doce Ventura, replectos de felicidades immensas...

Quantas desillusões não virão povoar, então, a vida tristonha e vagarosa d'aquelles para quem «isto» não passa da tremenda «mascarada de forçados» de que nos fala algures Murger!

Quantas tragedias immensamente dolorosas não se desenrolarão nesse anno novo no palco formidavel que é a Vida!

Ah! sabe Deus quantas infelicidades não estão reservadas para estas almas meigas e puras, que vivem naquella «torre de luar de graça e de illusão» de que nos fala o poeta?!...

Um anno novo que surge! e isso resôa aos nossos ouvidos como qualquer coisa de mavioso e estranho, como se fôra uma nova vida que se rasgasse subitamente ante os nossos olhos deslumbrados, mostrando-nos uma nova senda a seguir, um outro caminho a trilhar!...

E mal sabemos que, «emquanto mais este anno decorre, nós nos vamos recolhendo ao tugurio triste de nossas desesperanças, a sonhar com esse vulto negro da noite dos annos que se succedem»...

Com esse anno novo que hoje começa, formosas leitoras, os projectos mais esplendorosos, os desejos mais bizarros e divinos, os ideaes mais phantasticos e gigantescos, os sonhos mais enganadores e mentirosos, fervilham em nossa mente idealista num delirio febril...

Deve ser triste, não é, caras leitoras, a entrada d'um anno novo para os velhinhos, esses entes que na terra não são mais do que os espectros lividos e medonhos dos sonhos encantadores e sublimes, que se esvahiram nas brumas do Passado?!...

Sim, para os velhinhos, a entrada dum novo anno, é triste, muito triste, pois que é um passo a mais que dão para essa hora terrivel e fatidica que elles, pobres sombras fugitivas e erradias no Crepusculo da Vida, soluçando e relembrando extinctas venturas, alegrias passadas, mortos deslumbramentos, utopias desfeitas, illusões fanadas, tudo isso que constitue tanta felicidade junta, irão afivelar no rosto essa tremenda «ultima mascara», que é a mascara da Morte, para irem descançar o placido e tranquillo ultimo somno dos bemaventurados!... Como deve ser melancolica e sombria essa hora terrivel em que elles, lançando seus olhos tremulos e baços para o Passado tão feliz, que se sumio no horizonte da vida; recordando todas as noites lindas em que amaram tanto; rememorando as auroras radiosas e os sangrentos crepusculos suaves, hão de maldizer esse anno que passa, esse anno que lhes vem lembrar que pouco falta para chegarem ao fim da sua «tragedia horrivel», para dizerem adeus a tudo isso que elles tanto amaram com amor puro e bemdicto!

Entretanto, gentis leitoras, para os moços, cada anno que passa é mais uma felicidade que chega, é mais uma illusão que lhes vem alimentar os sonhos dourados da mocidade amada! Cada anno que passa é, para essas almas

ébrias e sedentas de amor, mais uma segura promessa para um ideal sublime ha tanto almejado! Mal sabem ellas—pobres almas illudidas por doce e enganadora miragem — «que cada anno que se escapa leva comsigo, como resto de um grande naufragio, hirtos esqueletos de sonhos, brancas ossadas de visões perdidas, folhas mortas de doces enternecimentos e de castos idyllios, fibras de corações que estalaram ao peso de amargas decepções, emfim, um mundo inteiro de mil esperanças não realisadas!»

Anno Novo! Anno Bom! E essas palavras vibram em nossa alma em uma musica sonora de desejos incontidos, em um radiante turbilhão de promessas, as mais deslumbrantes, tentações, as mais encantadoras!...

E a gente tem vontade, ao sentir-se abrir diante de si um novo caminho de suvidades, de encetar uma nova vida cheia de encantos, de ter outros ideaes mais sublimes, de possuir outras aspirações mais nobres, e sentimos como que um subtil rumor confuso, e em nossa alma paira então uma alegria em surdina... E' porque nos lembramos, ao contemplarmos do alto da subida o caminho trilhado, de todas as lutas travadas, de todos os loucos anceios soffridos, de todas as derrocadas phantasticas dos sonhos, e de todas as divinos imagens que illuminaram a nossa Via Dolorosa...

Por isso, paremos aqui, emquanto que lá—alto vibra sonora a alma de toda a Natureza que palpita em mil ondulações, com a entrada do Anno Novo, que irrompe numa apotheóse de luz e fulgores, como se fôra um hymno de alegria, entoado ao Amor e ao Trabalho!

Paremos aqui, leitoras, tendo sempre em mente as illusões que vão pairar nas almas sonhadoras d'aquelles que amam e que soffrem, quando um novo anno chega comsigo trazendo os «dias que se passam, os anceios que se perdem, os brandos fulgores da esperança que esmorecem, sonhos que morrem, frontes que se abatem, flores da vida que murcham, fios de prata que alvejam sobre nossas cabeças, emquanto a ampulheta do tempo, Sysipho da eterna derrocada, vae coando, grão a grão, tudo que cerca esta existencia, e que passa e que morre!...»

Mme. Ema de Pola, alumna da Escola Dramatica

PAGINAS DA ALMA

MARTHA. Pobre Martha!...

Como está mudada!...

Tão joven, tão formosa e já se enclina para o ambiente deAgosto, estiolada pela dor.

Que lhe teria succedido?

Bella, intelligente, artista, tem os carinhos maternaes, as illusões da mocidade, o olhar fundo e penetrante do noivo que lhe cala n'alma apaixonada, e sempre com os olhos embaciados pela lagrima!...

Por ventura não amará ella aquelle que a rodeia e acaricia?!

Será um capricho tomado comsigo mesma, para defender-se de affrontas mesquinhas á altivez do seu nobre caracter de mulher?

Pobre coração, que será de ti?!

Soffres tanto, tanto!...

Supportará elle, toda uma existencia, esse jugo de ferro, sem esperanças de adquirir o bem perdido, esse sonho de tempo já vido, que era o seu ideal, e que não volta. Quebra a penitenciaria da dor, esta cadeia horrivel e recobra a tua liberdade.

Ha, bem sei, maguas que a mais delicada phrase, a menor reminiscencia do passado fazem acordar nella a dôr, sangrando o coração, mas para que serve a lagrima?!...

Ah! querida Martha, comprehendo agora!...

Vives envolta numa saudade cruel, numa ancia eterna!

A tua aspiração não teve forças para voar, ficou na região do sonho, suspensa ás azas de Icaro donde tombou ao vendaval do destino inflexivel.

Eis porque cercada de todos os prazeres não se julga feliz a pobre Martha; porque as lagrimas, como perolas em bacia de prata, rolam em fios, empanando o brilho scintillante, do seu olhar limpido e bello.

Com que paixão, com que pezar não aceita ella as felicitações que lhe chegam em meio de risos e alegrias.

Sorri para simular o desgosto, occultando nelle a grande dor, a magua immensa, grilhões que lhe torturam e extinguem pouco a pouco a vida.

E' triste, lamentavel que no abotoar da mocidade, quando a vida se abre para os deliciosos sonhos, veja-se o homem obrigado a ir de encontro ao que lhe diz baixinho o coração.

E' preciso ser Martha, ter-se assim um espirito forte e reflectido para a aceitação tacita do martyrio, disfarçado na graça simulada de um sorriso.

Em breve será esposa e talvez mãe, gosará os carinhos de quem demonstra adoral-a e a quem supportará resignada como o martyr a coroa do martyrio.

E' que ninguem faz o que quer, mas o que uma serie de cousas determina.

Martha não ascenderá ao altar como as outras que levam o riso fanco á flor dos labios e o prazer no coração, é arrastada por um sentimento differente daquelle que gira na alma da noiva sonhadora e feliz.

Ella não tem illusões, nem conhece a esperança; fala-lhe acima de tudo um desejo de vingança, um capricho que a levanta acima do Nada, onde o Destino procura jogal-a.

E' o amor proprio, esmagado, que grita, pela liberdade que repelle a mascara.

Martha precisa respeitar as conveniencias para equilibrar o valor pessoal, tornando-se assim surda aos clamores do sentimento,

Os sonhos, as chimeras que povoam a mocidade de roseas esperanças e que lhe deram momentos de verdadeiro prazer, são hoje um poema de martyrio, triste canção que entoa na alma apaixonada.

A illusão, a esperança são brancas velas que fluctuam no mar do sonho, longe muito longe do ponto desejado; são miragens que enchem de alegria no deserto da vida.

O mundo, esse eterno juiz egoista e hypocrita, não perdoa uma só falta; ignora os infortunios e atira o despreso á face dos que soffrem.

Elle que commette todos os desatinos e viola todos os preceitos de moral, é a balança fiel, a justiça inexoravel quando julga um desgraçado.

Eis porque Martha aceita essa alliança que o coração repelle; porque não ouve a voz do sentimento que a saccode brutal, tornando-a fria, em face do homem a quem corresponde por calculos, como o marmore rigido das lousas, batido pelo tempo.

As cordas de sua lyra, o coração, estalam na luta encarniçada, por fim, baldas de forças, desprendem harpejos dolorosos, que são traduzidos nos frios sorrisos que lhe gelam nos labios como a ultima lagrima que despede os olhos de um morto.

E' que se ama, apenas, uma só vez na vida, com sinceridade!

HELENA D. NOGUEIRA.

VENDAVAL

DESPONTA a manhã brilhante, em ruidosa alegria. Movimenta-se a coma do arvoredo com a debil aragem que perpassa impregnando a atmosphera de activo perfume emanado das flores que embellezam o vasto jardim.

Em uma arvore fronteira, no meio de ondas de verdura, ouve-se, o trinar de uma gentil avesinha, que corre alegre para o ninho, feito de macio musgo, onde pipilam implumes filhinhos, em movimento festivo.

Que epopéa de amor!...

Essa demonstração de filial amisade recompensa os trabalhos que darão, até que, dotados de completa plumagem, busquem a liberdade, cortando os ares com suaves gorgeios, annunciando aqui e alli a sua passagem.

Os primeiros raios do Sol banham de luz o recinto, onde o meigo passarinho fez seu ninho de amor.

Em breve, porém, o céo se cobre de negro, como em antecipado luto pelos acontecimentos que se vão seguir a tão agourento aspecto, e o vento começa a açoitar as arvores que, numa chuva de flores e folhas, cobrem o limpido terreno, ou voam em diversas direcções como aladas borboletas.

Os trinados cessam, pois o medo embarga o canto das timidas avezinhas que se recolhem embaixo das azas do passaro em confiante protecção.

Forte rajada de vento, que tudo derruba em sua passagem, não poupou o modesto e amoroso ninho, que tomba, matando os fracos passarinhos, que corriam á vida.

O terno passaro, que, na queda, pudera suster-se no ar, foge apavorado, amaldiçoando a má escolha de local, em que fizera seu ninho com risonhas esperanças.

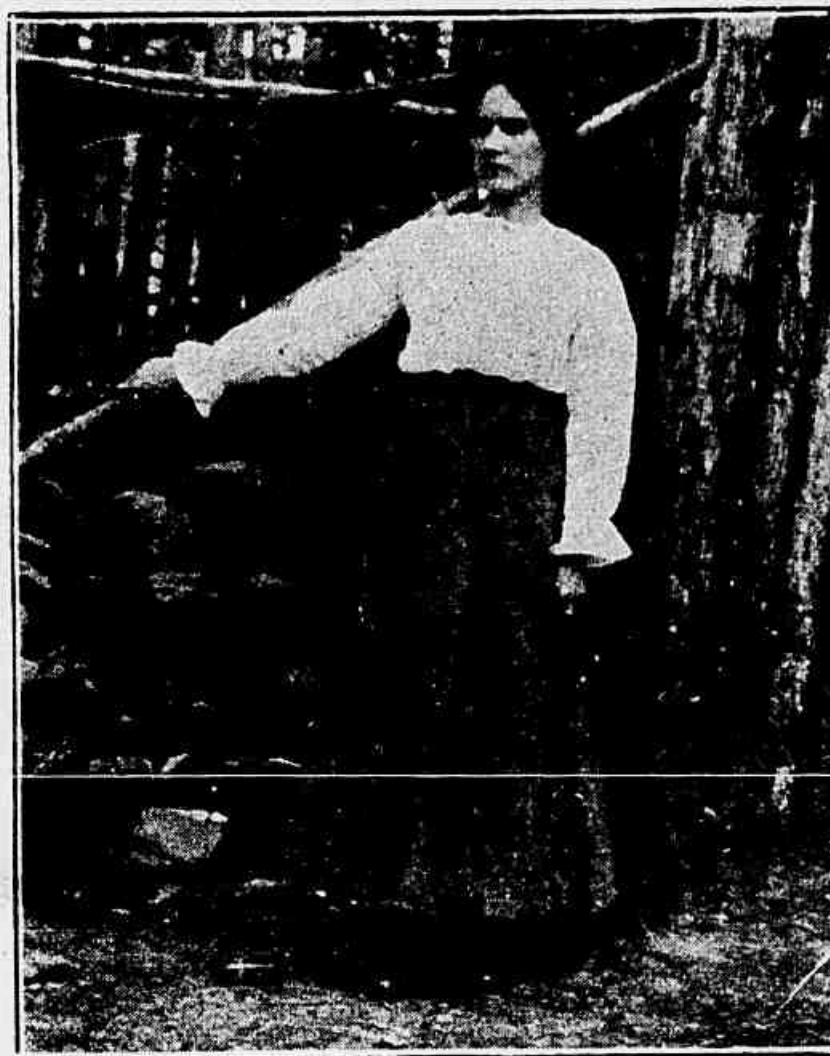
O vento passa, como tudo que dá forte, e a desolação entristece, as arvores sem folhas, os canteiros sem flores.

As petalas adornam angustiosamente o chão, onde jazem as victimas ao lado do desmantelado ninho.

Tudo findou...

* * *

E' assim que, no decorrer da existencia, o vendaval da sorte derruba o nosso sonho de amor, e roja ao chão da descrença as nossas esperanças implumes, deixando despida a arvore das nossas illusões.

DALZA R.

Sta. Prudencia de Gouveia
residente em Parahyba do Norte

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das creaturas.

A mulher, o mais sublime dos ideaes.

Deus fez para o homem um throno, para a mulher um altar. O throno exalta; o altar santifica.

O homem é o cerebro; a mulher o coração. O cerebro produz a luz; o coração produz o amor. A luz fecunda, o amor resuscita.

O homem é o genio; a mulher o anjo. O genio é immensuravel, o anjo é indefinivel.

A aspiração do homem é a suprema gloria, a aspiração da mulher é a virtude extrema. A gloria produz a grandeza; a virtude produz a divindade.

O homem tem a supremacia, a mulher a preferencia. A supremacia representa a força, a preferencia representa o direito.

O homem é forte pela razão, a mulher é invencivel pelas lagrimas. A razão convence, as lagrimas commovem.

O homem é capaz de todos os heroismos; a mulher de todos os martyrios. O heroismo ennobrece; o martyrio sublima.

O homem é o codigo, a mulher o evangelho. O codigo corrige; o evangelho aperfeiçoa.

O homem é um templo, a mulher um sacrario. Ante o templo descobrimo-nos; ante o sacrario ajoelhamo-nos.

O homem pensa; a mulher sonha. Pensar é ter cerebro; sonhar é ter na fronte uma aureola.

O homem é um oceano; a mulher um lago. O oceano tem a perola que o embelleza; o lago a poesia que o deslumbra.

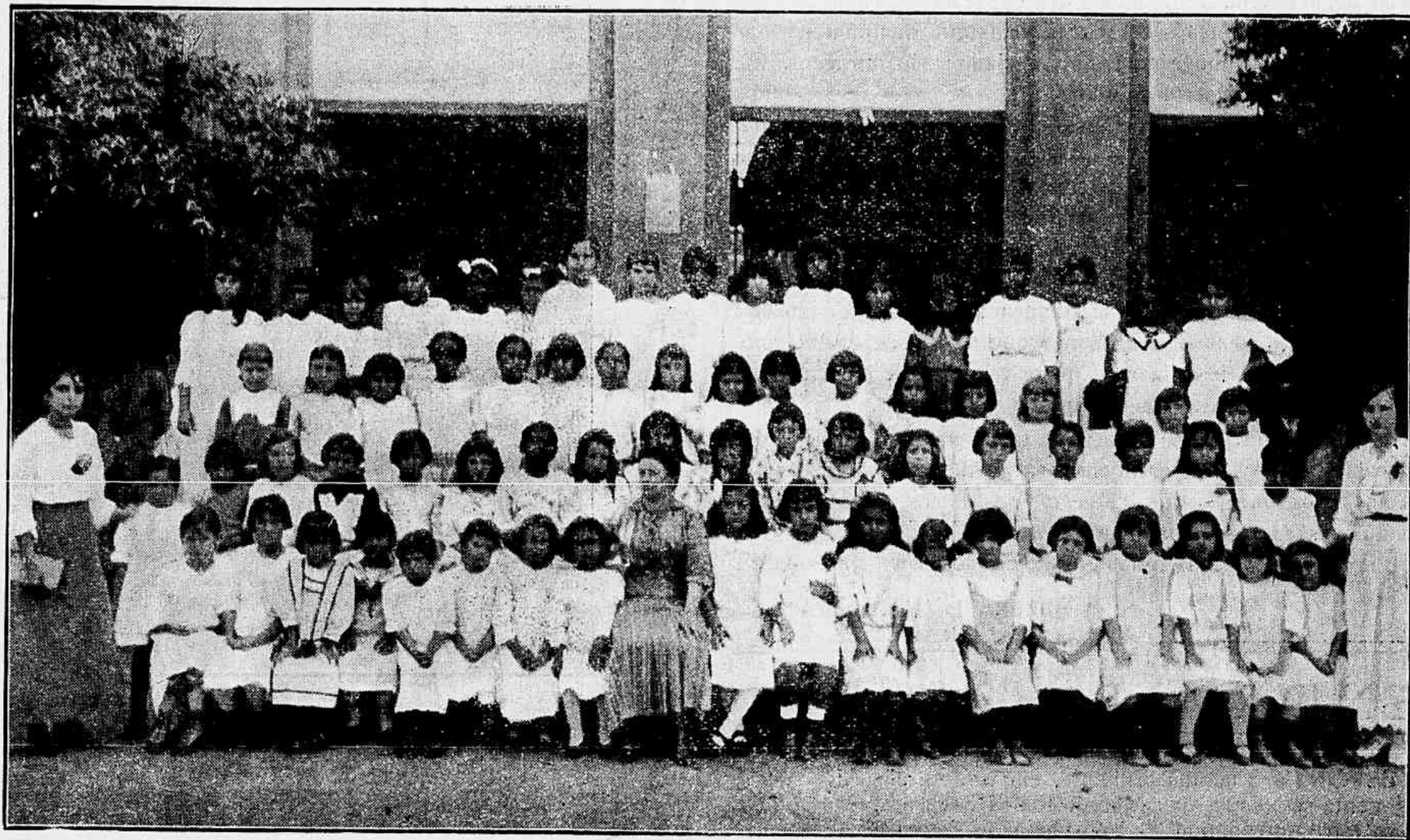
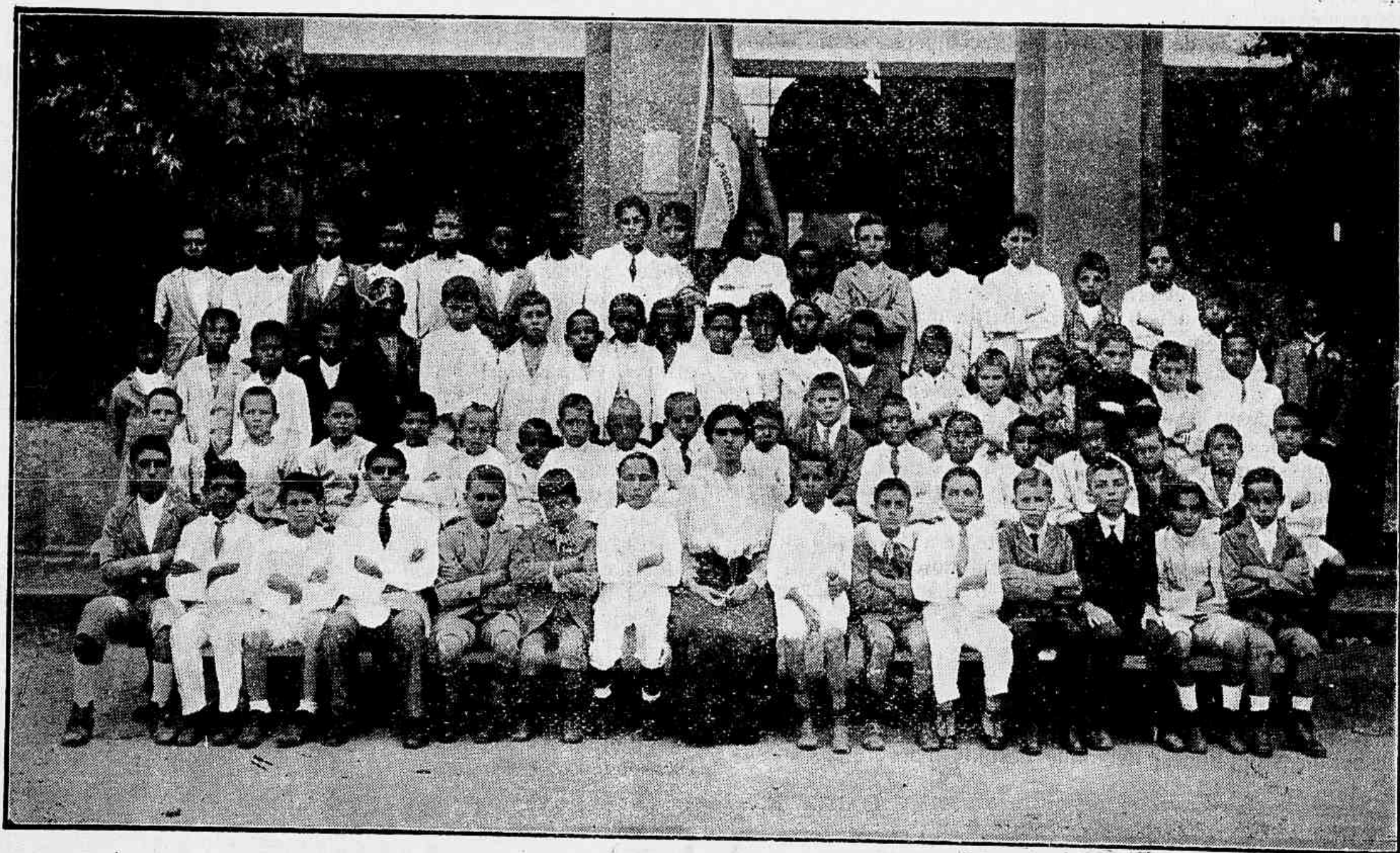
O homem é a aguia que vôa; a mulher o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.

O homem tem um phanal—a consciencia; a mulher uma estrella—a esperança. O phanal guia; a esperança salva.

Emfim, o homem está collocado onde termina a terra, a mulher onde começa o céo.

VICTOR HUGO.

Escolas do 17º Districto -- Bangú

* * *

Grupo de alumnas tendo ao centro a illustre directora D. Angelina Bellorta Moreira

Grupo de alumnos tendo ao centro a illustre directora D. Branca de Carvalho

Senhoritas Nelita Peixoto e Thedina Peixoto

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Esteve brilhante a recepção que Mlle. Agenora Fiuza, filha do sr. Antonio Fiuza Junior, offereceu as suas amigas em 28 do mez findo, por motivo de seu anniversario natalicio.

O elegante Maneco, filho do capitão Manoel José da Silva, fez annos hontem.

Commemorou o seu anniversario natalicio a distincta rio-grandense Oswaldina de Almeida Alcantara, em 29 do mez passado.

No dia 9 do mez findo a graciosa Mlle. Lisota Pinheiro, dilecta filha do engenheiro da Prefeitura dr. Annibal Fernandes Pinheiro, festejando a data de seu anniversario natalicio reuniu em sua aprasivel residencia grande numero de suas amigas em um alegre convio familiar.

BAPTISADOS

No dia 24 do mez passado recebeu as aguas lustraes do baptismo, na egreja da Gavea, a interessante menina Jacy, filha do sr. capitão Antonio Thomaz Aguiar e de d. Clotilde de Aguiar.

Foram padrinhos o sr. André de Oliveira e a senhorita Jandyra Lobo.

CASAMENTOS

Está contractado o casamento da graciosa senhorita Julia de Lima Camara, com o capitão-tenente Alexandre de Azevedo Lima.

Realisou-se no dia 24 do mez passado o consorcio da galante senhorita Clarice Gonçalves com o sr. Abelardo de Lamare. A noiva é filha do saudoso capitão de corveta Manoel José Gonçalves e de d. Isabel Gonçalves. O noivo é filho do capitão de mar e guerra Joaquim Raymundo de Lamare e de d. Luiza Tavares de Lamare.

Foram padrinhos da noiva, no acto civil, o capitão-tenente Evandro Santos e a senhorita Gigi de Lamare, irmã do noivo, do qual foram padrinhos o dr. Alberto de Faria e sua esposa.

Na ceremonia religiosa foram padrinhos da noiva o conselheiro José Ignacio Ewerton de Almeida e d. Josephina Bittencourt de Lamare, e do noivo d. Isabel Gonçalves e o dr. Armando de Lamare.

Contractou casamento a senhorita Laura Tavares, filha do conhecido clinico dr. Angelo Tavares, com o sr. Acauan Cruz, filho do coronel João Bernardino da Cruz Sobrinho.

Consorciaram-se em Petropolis, em 8 do mez passado, a senhora d. Elvira Rocha com o sr. Euclydes Raeder, tendo sido realisados os actos cerimoniosos na residencia do pae da noiva, onde foi servido lauto banquete.

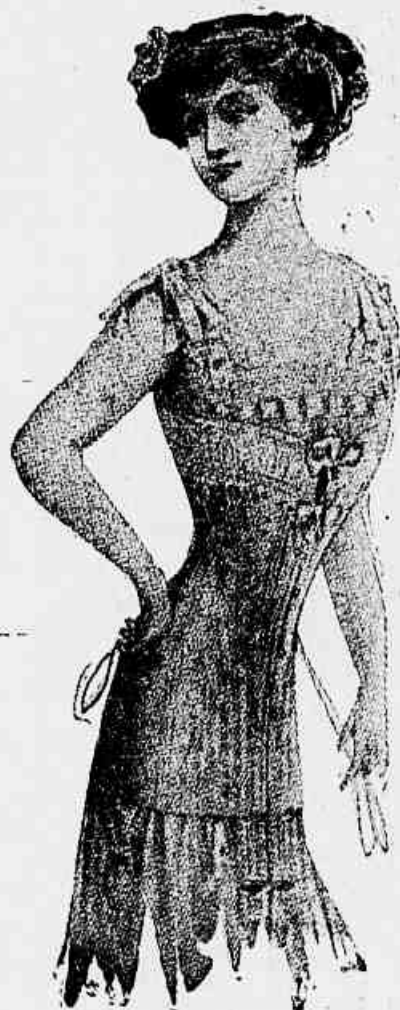
No dia 16 do mez findo, realisou-se o casamento da senhorita Julia Silva, filha do sr. Paulino José da Silva, com o sr. Arlindo Goulart Alves.

Foi effectuado em 22 do mez findo, o enlace matrimonial do maestro professor Orlando Frederico com a senhorita Guiomar da Nobrega Beltrão, directora do Instituto Beltrão.

Contractou casamento com a senhorita Adalgisa Barcellos, filha da exma. viuva d. Ernestina Barcellos, o sr. Oswaldo de Almeida, nosso collega de imprensa e filho do major Arthur Herculano de Almeida.

PRESEPES

Extraordinariamente montado acha-se franqueado ao publico o lindo e maravilhoso presepe do sr. João Luiz Martins, á rua D. Anna Nery n. 352.

Sob o impulso mechanico intelligentemente preparado, todas as figuras, pastores, operarios, lavadeiras, rebanhos e etc. têm movimento proprio em sentidos diversos, não obstante a profusão de luzes a cores, quedas dagua e outras curiosas e caprichosas cousas que tornam o presepe maravilhoso.

O PE'

DESDE os primeiros tempos da humanidade, tem sido objecto dos zelos e das homenagens dos amantes. E' aos pés das bem-amadas que os poetas e os sacerdotes do amor pontificam, enlevados por pensamentos dulcissimos da maior ventura.

O poeta Menotti del Picchia, nestas sextilhas primorosas, exprime adoravelmente o que é esse culto pela belleza dessa mimosa parte do sêr feminino:

« Disse-me ella: « Sapateiro,
Vaes fazer-me um sapatinho. »
E mostrou-me o pé. Corando,
Respondi-lhe: « Estaes brincando!
Ide alli ao meu visinho
Meu visinho é joalheiro... »

Calçal-o com sola e couro
E' crime que não apoia
Minh'alma que anda de nojo...
Joias guardam-se no estojo...
Calçae um sapato de ouro
No vosso pé que é uma joia. »

Essas galantes extremidades das damas, em cuja conformação gracil tanto se esméra a natureza, constituem muitas vezes verdadeiras correntes electricas para a doce communicação de graciosos pensamentos de amor.

Pelo contacto de dois pés diversos se estabelece muita vez essa radiosa communhão de idéas amorosas, prestes a subirem para a parte mais nobre do homem, como seja o cerebro, termo dessa existencia de sonhos e começo da placidez acalentadora dessa harmonia d'almas, que a lei solidifica e a religião abençoa.

José Bonifacio, o Moço, philosopho, orador e poeta, descrevendo um Pé, no qual palpitava um coração, «deixando fluctuar na meia azul, requebro amor, feitiço», faz a seguinte supplica ao terminar essa sua mimosa producção poetica:

« Poeta do amor e da saudade,
Depois de morto peço,
Em vez de ouro sobre a funerea pedra,
A fôrma de seu pé: foi o meu culto...
Quero sonhar o resto, emquanto a lua,
Chorosa e triste, pelo azul fluctúa... »

Outro poeta mais moderno e não menos inspirado, comprehendendo sem duvida como é divina a grata imaginação que aos eleitos das musas faz ver tudo por um prisma tão bello e radiante, a começar por esse microscopico primor em que assenta esse talho donairoso da mulher amada, Luiz Edmundo escreve:

« O meu orgulho immenso e mudo,
Que nunca ao mundo se curvou,
Como um tapete de velludo,
Hoje aos teus pés se desdobrou. »

Para o grande estylista, e tambem poeta Theophilo Gautier, o pé da amada era « Un pied petit a tenir dans la main », um desses mimos de arte que so a imaginação julga possivel, tão pequeno é elle e tão galante.

Para que as gentis leitoras apreciem o que uma mulher illustre, quer pela fidalguia do talento, quer pela fidalguia da raça, a condessa d'Avigné, escreveu sobre o *Pé*, leiam o que traslado para estas columnas, traduzido especialmente para esta revista:

Que poderá haver de espirito do calcanhar aos artelhos do pé de uma bella mulher? Vejo que sorris, a dizer: — Pois então o espirito desce a fazer seu ninho em tão baixa região? Nunca vos destes por acaso um dia a phantasia de attentardes nas extremidades inferiores de vossos contemporaneos? Isso daria certamente para uma chistosa revista, fecunda em apreciações interessantissimas de estados da alma. Por esse modo, poder-se-ia fazer psychologia a começar pelos pés.

Vêde este montado em seus gigantes tacões a Luiz XV. Parece ter como divisa, á guisa do orgulhoso Fouquet: «Onde não attingirei eu?» Este outro, curto e chato, arrastando-se pelo asphalto da rua: — «Eu quero! Eu intrigo!» Marcando o passo: — «A' frente! Marche! Calçado claro: «Como é, não prestaes attenção a isto? Bico quadrado: «Não faço caso disto!» Calcanhar chato: «O bem-estar antes de tudo». Muito largo: «De que serve a elegancia? Sapato de entrada baixa: «Olhae para este elegante e fino tornozello! Bota «A moda, sempre a moda!» Etc., etc.

Póde ser o pé intelligente e inexpressivo? Perfeitamente. Póde ser bulicoso e malicioso? Absolutamente. Elle póde ser tambem astuto, lisongeiro, motejador, impaciente, provocante, ou ainda fatuo, vaidoso, afastado e altivo... em toda a altura de seu tacão a Luiz XV.

Vós podereis reconhecer uma fiminista pelo seu calçado, que dará idéa de todo o seu despreso pelo coquettismo, seu gosto pela independencia. Para uma feminista, o pé não passa de um pé e nunca de um meio de seducção.

Existe tambem o pé para o qual o calçado não passa de uma golilha apertada. Como elle apresenta um ar de infeliz e desditoso! Como desejaria estar em outro logar, num pantufo, por exemplo! E' encarado por causa do rosto contrahido a que elle corresponde em sua tortura. Um pé assim acaba sempre por perguntar si elle não é um brinquedo muito ridiculo para que se olha tanto!

Ha ainda o pé modesto que se refugia nas orlas do vestido; o pé timido que não ousa mostrar-se, porque se considera muito desmoralisado; o pé desenvolto que se apresenta com ostentação; o irritavel, que vive a mexer-se, a bater no chão.

Tambem ha os pés desabusados e os que se abandonam. Ha os forrados de indifferença e outros de más intenções. Ha pés tão audaciosos que chegam a tornar-se eloquentes.

Será a pequenhez do pé uma condição de belleza? Parece que sim, pois desde muito tempo o poeta elogia o pequeno pé de sua bem-amada, tecendo-lhe madrigaes.

O poeta das «Caresses», dirigindo-se á chinella de seda de sua doce amada, diz que ella não pode acompanhar em pequenhez a grandeza de seu amor.

O attractivo de Cendrilhon não tem por base o seu minusculo sapato de setim branco, sem o que ella nunca teria encontrado o seu Principe Encantado?

O pé pequeno é apanagio da aristocracia, signal de raça apurada.

Varias collecções de museus apresentam-nos calçados tão pequenos que se pergunta naturalmente que pés de fadas os teriam podido usar.

O encanto das bellas damas de outr'ora consistia no setim fanado, e o alto cothorno parece ainda hoje disposto — o cruel! — a pisar corações!

Mas si vós, gentis leitoras, não possuis um pé da Gata Borralheira ou de fidalga, não vos desoleis por isso. O pé, si é proporcional ao corpo, é lindo, mesmo sem essa ideal pequenhez.

Quem sabe si os poetas, com a sua espantosa facilidade de engendrar a illusão, já não puzeram a sua lyra ao serviço da exaltação poetica de «pequenos pés» mesmo calçando botas de numero superior a 39? A fertil imaginação dos eleitos das musas tudo póde.

O que é feio é o pé desporporcional á estatura e o pé mal calçado. Mas um pé comprido, si elle é sufficientemente encurvado, não deixa de ter a sua elegancia; pode mesmo tornar-se bem elegante e vistoso si usar um calçado que o faça sobresahir, tendo mesmo mais graça assim do que um pé curto e largo.

O que a moça deve ter sempre em vista é que o seu pé, qualquer que seja, exige um calçado tão elegante como o rosto exige uma cabelleira que com elle condiga. Um calçado não deve ser nem muito pequeno, nem muito grande, nem muito justo ao pé. Comprimil-o de mais, pelo incommodo que produz, póde dar em resultado tirar a elegancia ao andar, além das feias callosidades que adquire.

«Calçar bem o seu pé» é dar ao calçado toda a modalidade e elegancia precisas para tornal-o vistoso e mesmo bonito.

Os pés massiços e grossos não irão mal em calçados de cores claras. Deve evitar-se aos tornozelos salientes o contacto de um couro que os augmente, o que acontece com os couros de cor preta. Os pés compridos exigem palas curtas para que lhes diminuam a extensão e viceversa para os pés curtos.

Mrs. G. Dahgren e suas filhas Marcella e Leonor

Não esqueçamos, porém, que a moda tem as suas exigencias. E' ella que rege o dominio do calçado como as outras partes da toilette.

Ora, ella nos impõe biqueiras demasiadamente compridas que fazem lembrar os «sapatos á polaca» que usavam os cavalheiros da idade média; ora, uma biqueira muito larga á moda do «bec-de-cane» de Carlos VII de França. Ora, obriga-nos a usar o gracioso cothurno antigo, em seguida, o deselegante sapato Richelieu.

Presentemente, ella nos assoberba com um couro de cor parda-roxa que fez as delicias de nossos avós, botas com atacadores ao lado, como usava Joanna d'Arc; botas á militar, botas a cossaco, em cujo tacão só faltam os finos esporins.

Satisfaçamos a moda e, o que é mais preciso, a elegancia, esta exige que o calçado ande sempre de accordo com a toilette.

Um vestido branco não vae absolutamente com uma feia botina preta.

As meias-botas vão bem com toilettes pesadas e sóbrias; mas para um vestido leve, deve usar-se um sapato fino e bem elegante.

O verniz é sempre chic e de bom tom. Raro é o pé a que elle não melhore de feitio com o acompanhamento de meia de seda da mesma cor de vistosas transparencias.

Musset exigia sempre meia de seda branca. Mas os tempos passaram e com elles os gostos, que hoje são outros.»

RIBAR.

O NAMORO

Vou occupar-me de um assumpto de grande importancia para as amaveis leitoras, a quem espicialmente dedico as mal alinhavadas linhas que se seguem.

Vou tratar do namoro, porém perfunctoriamente, por não me achar em condições de repetir tudo que deve occorrer ás leitoras sobre tão importante questão.

Como sabemos, o namoro é a permuta animada de suspiros e de olhares, acompanhados de gestos expressivos ou de palavras, entre dois individuos de sexos differentes.

O namoro podendo existir entre dois jovens, entre uma velha e um joven, ou mesmo entre dois velhos, certamente que muito teria eu de escrever si fosse commental-o em cada um dos casos alludidos, citando ou não edificantes exemplos; limito-me, porém, apenas ao namoro entre dois jovens por ser o unico que a boa razão admitte...

O namoro póde ser estabelecido achando-se os interessados visiveis ou não um do outro.

Admittamos primeiramente que os namorados estão visiveis um do outro em plena e tolerada actividade e vejamos como se estabelece o namoro.

Neste caso temos de figurar duas hypotheses: — 1ª os namorados se acham juntos; 2ª os namorados se acham afastados um do outro.

Quando se acham juntos, numa reunião familiar por exemplo, os namorados manifestam os estados de seus corações pelos suspiros incontidos acompanhados de gestos significativos, ou então, em futeis e insonsas banalidades.

Quando se acham afastados, elle, por exemplo, na loja de F, e ella na sua propria casa ou na da boa paciente e tolerante amiga, F. por se achar melhor situada, tudo na mesma rua, praça, becco ou viella, vulgarmente se estabelece o namoro pela eloquente linguagem dos gestos ou por certos e bem significativos signaes convencionaes...

Quando os namorados, si bem que habitando na mesma cidade, evitam todavia se approximar um do outro, receiando a desapprovação dos pais, fervilha tambem o namoro na permuta animada de cartas e bilhetes sem assignaturas, ou nos recados que a bondosa velha que pede esmola de porta em porta, ou o moleque esperto da casa de um delles se prestam a conduzir, certos da nunca desmentida generosidade dos interessados.

Quando os jovens se afastam, ficando um por exemplo no Piauhy e seguindo o outro para Matto Grosso, o namoro nem sempre se extingue, porém fervilha com mais intensidade quando se dá a substituição de um dos namorados.

JOVIAL.

Sta. Davina Moreira — Sta. Judith Bezerra

NOTAS THEATRAES

TRIANON O *vaudeville* a *Lagartixa*, de Feydeau, já conhecido das nossas platéas, levou, na quinzena passada, ao confortavel salão do *Trianon* uma concurrencia extraordinaria da *élite* frequentadora daquelle excellente theatrinho.

Havia uma certa prevenção pelo genero um pouco livre da peça, mas a habilidade e fino criterio de Christiano de Souza, souberam fazer as aparas e córtes necessarios, sem prejuizo algum do desempenho da interessante peça em que muito se salientaram a intelligente Abigail Maia, brilhantemente secundada pelos actores Christiano, Augusto Campos e Carlos Abreu.

Está agora em scena a comedia *Doidos com juizo*.

* * *

APOLLO Depois de alguns contratempos e adiamentos estreou no Apollo no dia 25, uma nova companhia formada de bons elementos e da qual deveria fazer parte a actriz Ema de Souza, que, á ultima hora della se desligou por motivos desconhecidos por emquanto.

A peça escolhida para estréa, a engraçada comedia *Tres mulheres para um marido*, com versos de Raul Pederneiras e musica do maestro Raul Martins, agradou bastante e as enchentes repetem-se nas duas sessões noturnas.

A graciosa actriz Auricelia Bernard

MODAS E MODOS

As anomalias e os caprichos continuam a prevalecer nas modas actuaes, muitos delles devidos a escassez de material para confecções, visto muitas das fabricas mais importantes de tecidos, passamanaria e enfeites estarem paradas em consequencia da tremenda guerra. Parece que a idéa predominante é aproveitar os tecidos que existem desponiveis alterando-se, mais ou menos os dilineamentos geraes dos modelos lançados. Entre essas novidades poderemos citar os vestidos de velludo, que serão os favoritos neste inverno na Europa e provavelmente apparecerão tambem entre nós, ainda que isso pareça uma grande estravagancia.

Na Europa os tecidos de lã tem augmentado muito de preço, por isso o velludo foi escolhido para substituil-os com alguma vantagem, principalmente nos modelos genero *tailleur*.

Nós, porém, estamos em pleno verão e devemos seguir uma outra orientação, mais consentanea com as condições climatericas da nossa terra. Assim, certamente as nossas gentis leitoras darão preferencia aos tecidos leves: batista, cassa suissa, marquisette, taffetá, gaze chiffon, musselina bordada, gabardine, etc.

Quanto a cores dominantes destacam-se: azul marinho e preto.

As saias continuam curtas e largas, em fórma de *campana*, sem enfeites e as jaquetas feitio de bolero estão ainda em grande evidencia e promettem continuar nessa situação por mais algum tempo.

Está tambem muito em voga empregar-se como enfeites a mesma fazenda do vestido.

A golla virada á "marinheira, tão attraente e tão commoda para *toilettes* de verão não tem sido felizmente esquecida, principalmente para trajes de senhoritas;" entretanto as gollas altas continuam com grande preferencia, com a seguinte modificação: não são mais superpostas como antes, mas sim continuação do mesmo tecido do corpo da blusa ou *corsage* e presas por uma tira de baptista, á semelhança de gravatas.

Vistosa *toilette* para passeio em maquizette florida.

Costume simples e elegante em gabardine ou taffetá azul marinho.

Blusas e saias novissimas para senhoritas

Elegantes e graciosas toilettes — Ultimas creações da casa Harrison, de Londres

Coelho Bastos & C.ª - 40, 42, 44 - Ourives

Perfumarias finas, Roupas brancas, Artigos para presentes

BOAS FESTAS

O. Xavier Esteves

A's gentis leitoras do "Jornal das Moças"

VALSA

Recordar é viver

Ao meu noivo.

Recordar é viver, dizes bem, mas...tambem...recordar é soffrer!...

Não imaginas como aquella tua ultima carta me fez evocar os saudosos tempos que estiveste em Passa Quatro; e de onde diariamente me enviavas meigas e ternas cartinhas.

Si eram longas e amorosas, sorria, satisfeita e orgulhosa de ser amada; mas se eram pequeninas, ah!... confesso, chorava amargamente de saudades e de ciumes...

Imaginava que por estares longe de mim já não te lembravas tanto da tua amorosa noiva, que só, completamente só aqui, lamentava tua ausencia!...

Foram longos, oh!... bem longos e penosos aquelles mezes!!!

Todas as noites sonhava com tua chegada; sonhos, puros sonhos!...porque as tuas messivas contradiziam e arrastavam-me á realidade, dura como o amor não correspondido, dolorosa como a separação!....

Como é difficil interpretar os nossos deveres; hontem allucinava-me quando lia em tuas cartas: «força maior priva-me de ir breve como te prometti»; achava que acima de tua saude estava o amor que devias dispensar à tua noiva; hoje lamento não reconhecer a verdade, mas... as lagrimas que tão dolorosamente verti, sem razão, e que tanto me definharam, como foram por ti, consolo-me!...

As festas do Natal, passei-as eu triste, desanimada, sem ti... Até que emfim chegou o dia do teu feliz regresso!... Nem poude pronunciar uma palavra que fizesse jus ao meu contentamento, nada, e no emtanto merecias...

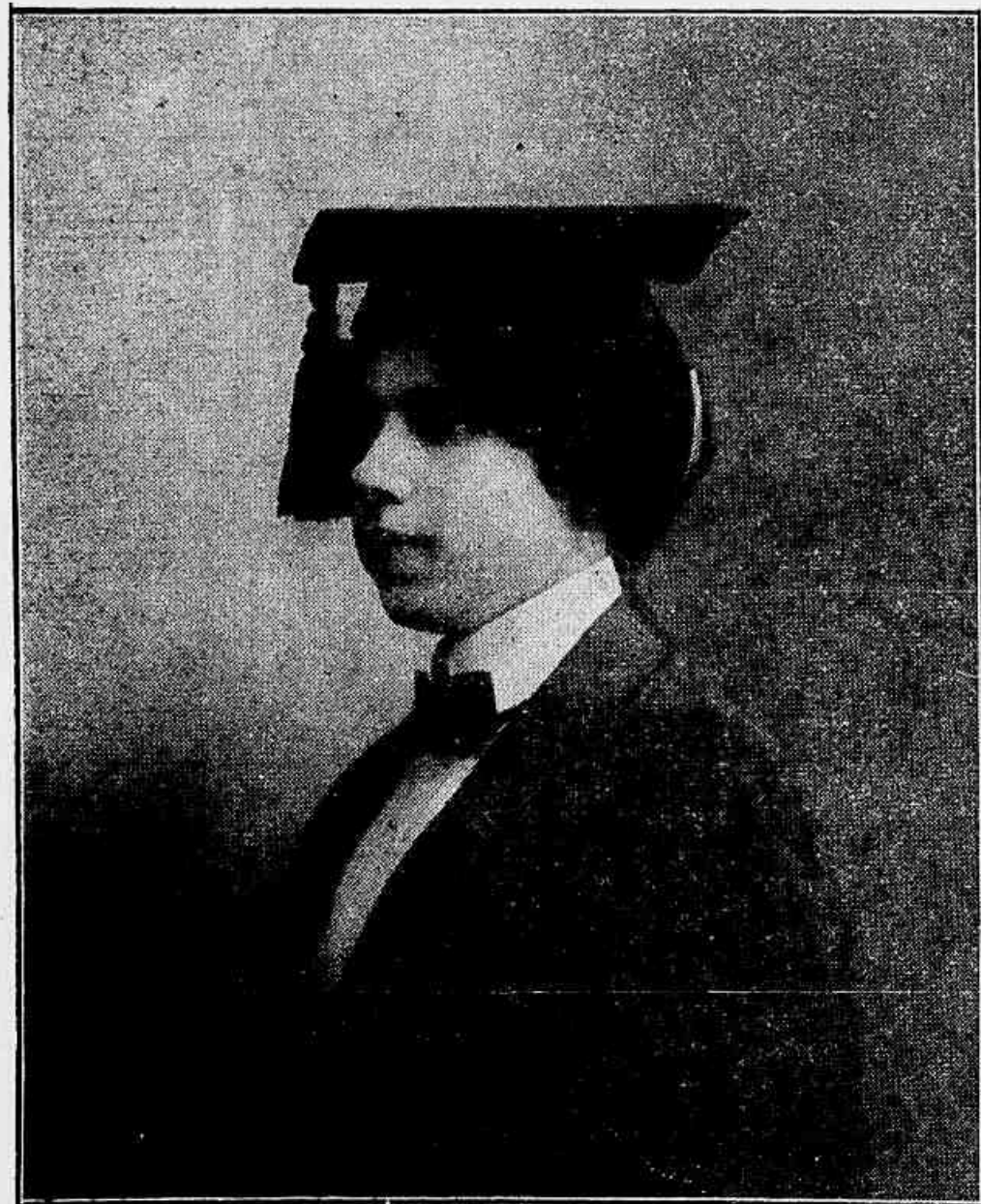
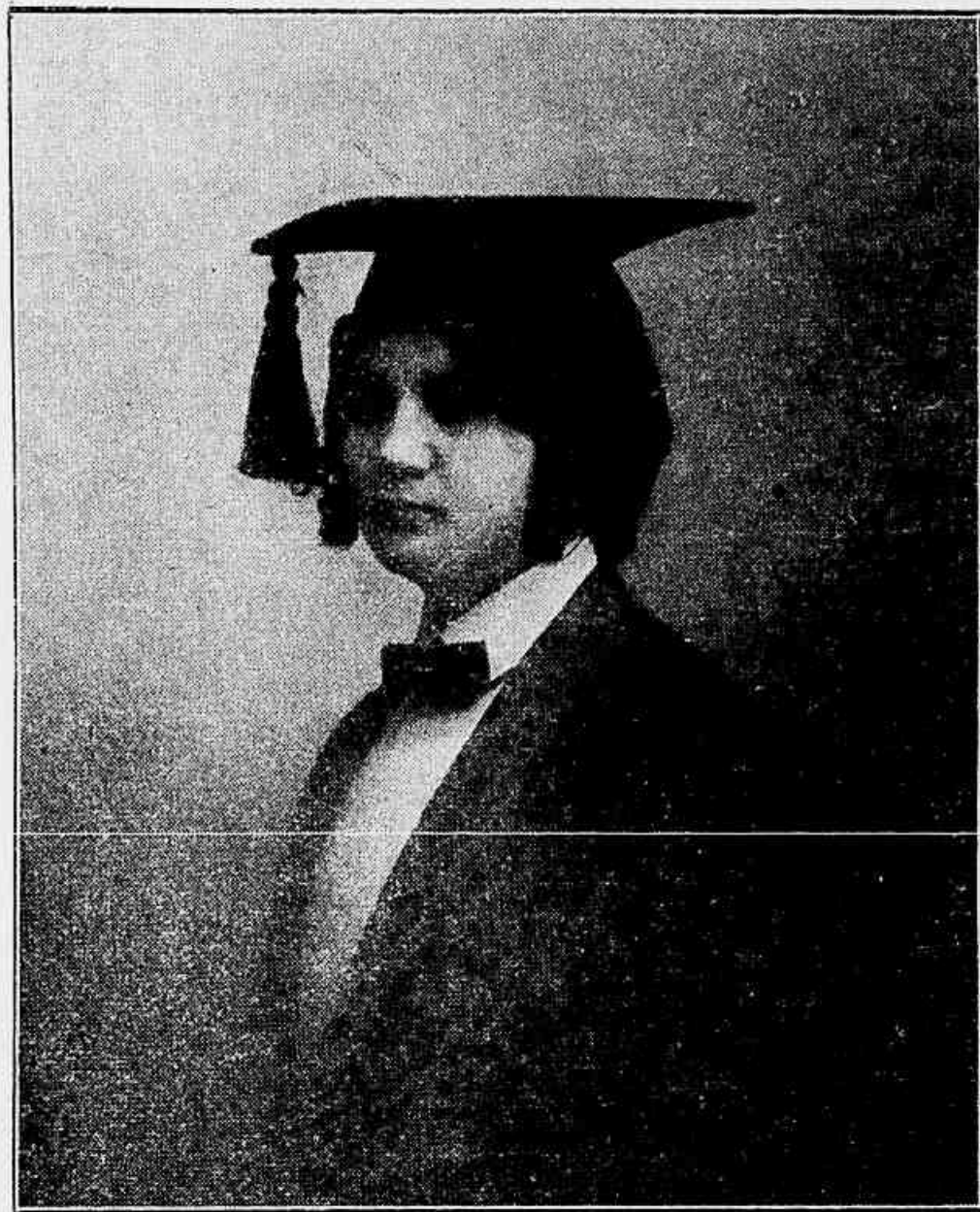
Foi tal a alegria que tive, que me embargou a voz. Ao te rever, depois daquelles longos mezes de desolação, de tristeza,—emmudeci, corei!...Nada mais!...

Mas tu, bem me comprehendeste; e aquelles teus carinhos, aquelles teus affagos gravaram-se no meu coração, enxugaram minhas constantes lagrimas de saudade, falaram-me com a voz do amor e da felicidade.

Lembras-te da magua com que ficaste quando soubeste dos meus padecimentos?...e... dize-me agora si:

Recordar não é tambem soffrer?!...

Botafogo—Dez.—915.

Tua MAGDA.

Senhorita Maria Lagden de Carvalho, professora diplomada pela Escola Normal de S. Paulo

Senhorita Carmen Granja, professora diplomada pela Escola Normal de S. Paulo

TUDO PASSA

*Ao S****

Vi um dia, duma tenra haste de roseira despontar um rebento, que num mimoso botão transformou-se; viçoso e bello cresceu e em breve despontou a flôr. Ao deslumbrante botão substituio uma purpurina rosa que em viço e fragancia alardeava-se, soberba e elegante, qual vaidade em primazia.

Passou-se um dia...quiz vêr da rosa o esplendor, pois, encantada pela sua belleza, anhelava vel-a ainda intencionada aos raios calidos do sol.

Mas, chegando-me á roseira, notei que aquella rosa que eu julgava nunca mais perder o attractivo já lá não estava, e vi esparsas pelo chão as suas petalas antes tão garbosas, carcomidas por insectos...e murchas pelo sol! Ao ver a triste sorte dessa rosa, emocionou-se meu espirito, pois a vida, o amor, a esperança, são tão frageis como a existencia da flôr...

Morte execranda, nada poupas então? Tudo passa, tudo morre, excepto a alma!

LUCIA.

NATAL E REIS

HA 5916 annos da creação do mundo e ha 1916 da éra christã, nascia, num recanto obscuro da Judéa, numa cidade pequenina e humilde, uma criança predestinada.

Por aviso celeste, deram-lhe o symbolico e fragrante nome de Jesus, alteração de Josué, e que significa Salvador.

Filho de operarios desprotegidos mas virtuosos, esse debil menino que então mal vagia, passivamente reclinado sobre umas palhas conchegadas, vinha transformar os systemas religiosos da humanidade, embora para o conseguir fosse necessario, como foi, o supremo sacrificio de sua vida atribulada.

Delle disse o velho Semeão ao encontral-o no templo: «Agora, Senhor, já morrerei em paz porque meus olhos viram o Salvador—luz das nações e gloria do povo de Israel».

Depois, voltando-se para Maria, accrescentou: «Este menino está posto para a ruina e resurreição de muitos; será o alvo da contradicção dos homens e um dia, Senhora, uma espada de dor vos ha de traspassar a alma.»

Segundo alguns, nasceu Jesus em Nazareth, donde o nome de Nazareno por que foi tambem conhecido na sua passagem pela vida. Mas isso aconteceu porque depois da fuga para o Egypto, dali voltou indo morar em Nazareth, onde passou grande parte da existencia.

A opinião mais fundamentada é a que faz de Belém a cidade em que viu a luz do mundo o futuro rei dos judeus. E' esse o recanto obscuro, a cidadezinha humilde de que falamos ao abrir nosso estudinho.

Actualmente é esse logar uma aldeiola sem os antigos muros, com casitas brancas, amontoadas, localisadas ao centro de uma bella planicie, a 11 kilometros de Jerusalém.

No recinto em que nasceu o Christo construiram uma igreja em forma de cruz a que chamavam da Natividade; a nave, que é a parte mais importante, é circumdada por 48 columnas corinthias de solido granito. No interior ha uma cripta onde, dizem, foi justamente o logar em que deu a luz a Santa Virgem, facto que é lembrado pela existencia de uma estrella de prata tendo por cima estas palavras: «Hic, de virgine Maria, Jesus natus est» o que quer dizer: «Aqui, da virgem Maria, nasceu Jesus».

Essa cripta é cavada na rocha viva e nella ainda se vê a lendaria mangedoura.

Mas, como diziamos, á meia noite, nascia em Belém o que havia de ser o homem mais formoso da Palestina, segundo o que se deprehende de uma antiga descripção que não transcrevemos por falta de espaço.

E nasceu ahi porque, por esse tempo, o imperador Augusto, desejando fazer um recenseamento nos seus dominios, promulgou uma lei exigindo que todos se deviam alistar nas proprias terras de que se originassem.

De accordo com isso, José e Maria puzeram-se a caminho para Belém de onde provinham por descenderem de David.

Naquelles tempos ominosos (segundo uma velha chapa) gente pobre, já sabe... jornadeava a pé: *calcantibus pedes*. Não era como hoje que com a bagatela desprezivel de um tostão, qualquer servo de Deus póde ir do Leme ao Largo da Carioca ou da Praça Quinze ao Jardim Zoologico, tendo ainda o direito de fumar, cuspir, gritar, assoviar, dormir e, ás vezes, até, de atirar estupidas graçolas ás moças honestas.

Pois bem, como tivessem ido a pé e as estradas fossem poeirentas e longas, chegaram tarde, já noite feita, a Belém.

Em vão andavam de uma a outra parte procurando nas *estalagens* um pouso onde pudessem passar a noite; era grande o concurso de povo e os logares estavam todos tomados.

Resolveram, então, ir pernoitar fora das portas da cidade numa grande cabana devoluta e solitaria...

Ahi, na paz magestosa dos campos desertos, longe das liliputianas grandesas dos homens, á luz cariciosa das estrellas lucilantes, em misera caminha de palhas, nasceu, ás doze horas da noite, o rei dos reis, dispensando os berços de ouro, as alcatifas velutineas, as sanefas rendilhadas, a perfulgencia das luzes:—ouropeis enganosos da plutocracia enfatuada...

De luzes, porém, trazia elle fulgurante e luminescente o seu espirito—todo fogo; de ouro, desbordava-lhe o aureo coração; subtis e macias como a renda, o arminho e o velludo, seriam mais tarde as caricias de suas mãos diaphanas e piedosas...

E tu, Belém, com seres tão pequenina, tão apagada, tão só, tiveste a fortuna de dar ao mundo o Redemptor dos homens!

* * *

Nas cercanias da cidade, descançados e felizes, na paz e na felicidade que vem das boas consciencias, apascentando seus rebanhos, os pegureiros praticavam alegremente...

Subito, eis que baixa do firmamento, librando-se sobre elles nas azas refulgentes, um mensageiro celeste que cantava: «Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus!», isto é: Gloria a Deus nas alturas e paz aos homens na terra!

Tomados de pavor iam os pastores dispersar quando, meigamente, lhes falou o anjo: «Nada temais; sou um enviado do Senhor e feliz noticia vos trago: acaba de nascer na cidade de David o Salvador dos homens. Ide e adorae-o.

Numerosas legiões de espiritos celestiaes foram então descendo e, unindo-se ao primeiro anjo, cantavam ainda: Gloria in excelsis Deo...

Foram os pastores e, encontrando o que lhes havia sido annunciado, adoraram e bemdisseram o que vinha tirar os peccados do mundo.: —ecce agnus Dei qui tollit peccata mundi.

* * *

Mais tarde, estando ainda Jesus e seus Paes em Belém, vieram das bandas do Oriente tres reis para adorar o menino Deus.

Esses reis, segundo Emilio Gebhart, versado orientalista, representavam as tres raças humanas principaes: branca, amarella e preta.

Gaspar representava a raça amarella; vinha da China e suas adjacencias.

Melchior, ou melhor, Melquior lembrava a raça branca e vinha da India. Balthazar personificava a raça preta e partira da Africa.

Uns opinam que esses reis eram Chaldeus; outros querem que fossem Arabes; outros, ainda, que eram Persas.

Seguindo o parecer mais corrente e vulgarisado, eram sabios ou philosophos da Persia.

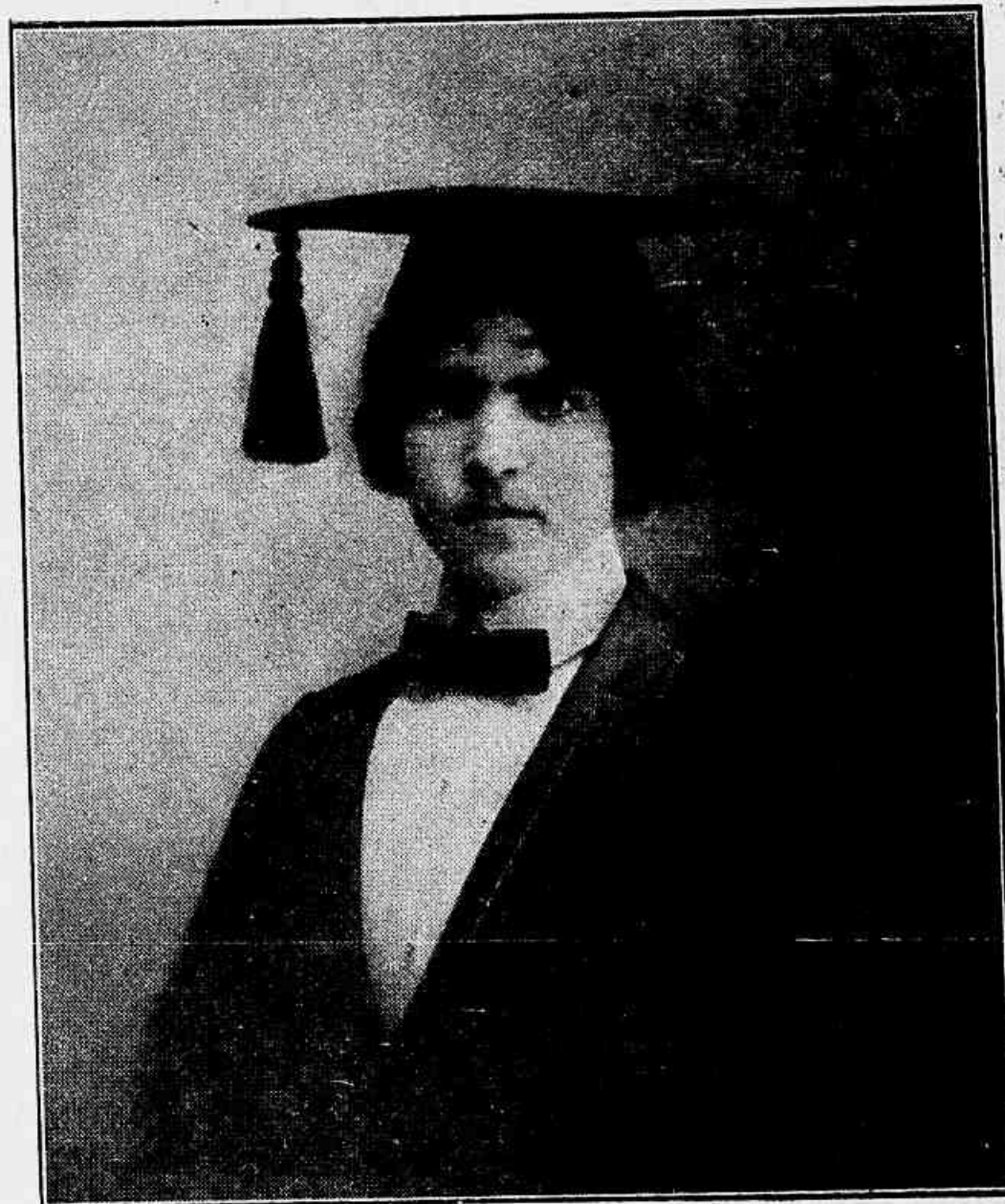
Naquelles tempos, no Oriente, esses sabios eram designados com o nome generico de magos, porque na philosophia que professavam entrava muito astronomia que o atraso e a ingenuidade daquella época encaravam como uma especie de magica. Dahi vem a expressão tão usada—os tres reis magos.

Balthazar era Chaldeu; Melquior quer dizer—rei da luz e Gaspar apparece em algumas lendas com o nome de Gathaspar e em siriaco é Gutophorhem em que alguns querem ver o poderoso rei persa Gondephores, que teve a honra de ser baptisado pelo apostolo Thomaz.

Melquior, o rei preto, que era mouro, no dizer de certos escriptores, era o mais joven dos tres. Trazia ouro para offerecer a Jesus e com isso queria significar que prestava vassalagem ao—rei.

Gaspar trazia o incenso e, de accordo com o ritual antigo e moderno, homenageava no Salvador—a Divindade.

Balthazar, trazendo myrrha, descobria no recem-nascido—a Humanidade porque, naquella quadra, era essa substancia muito empregada para embalsamar e conservar os mortos.

Como se está vendo, os presentes desses reis, ouro incenso e myrrha, eram symbolicos e mysteriosos.

Mlle. Aurea Pacheco, professora diplomada pela Escola Normal de S. Paulo

O sr. João G. Machado de Souza
nosso assiduo leitor, residente em Florianopolis

Previsão? Sciencia? Magia? Lenda? Propendo para a ultima das hypotheses...

Esses magos vieram do Oriente, diz a lenda, tendo por phanal uma estrella singularmente radiante que os foi guiando até baixar, serena e serviçal, sobre a cabana em que estava Jesus com Maria e S. José.

Lenda? Magia? Sciencia?

Quem o poderá dizer? Os homens sabem tão pouco...os livros dizem tanta cousa...e nós...não sabemos nada!

Nem pareça absurdo e extravagante o ficarmos assim, nessas ultimas phrazes, num grupo separado dos homens meus.

Já Eça de Queiroz dizia: «as mulheres nasceram para chorar, os homens para trabalhar e nós para passar friamente atravez».

Rio—20—12—915.

DR. ALIPIO MACHADO.

SAUDADE

A quem eu amo.

Saudade!... Quantas noites de vigilias, quantos dias de anciedade, quantas horas sem distracções, tu não trazes ao coração que ama e se vê na cruel contingencia de viver longe do ente amado?

Nestes momentos de agonia, como é doce meditar, revendo nalma a effigie adorada, recordando um momento de despedida, as curtas phrases de amor, os menores gestos de carinho?

Saudade!..tu que és soberana, que reinas nos corações apoixonados, leva nas tuas azas de cores tristes uma das minhas lagrimas de amor e deposita-a nos labios de quem amo!...

GRAZY.

TRAHIDA

Parti, mas antes de partir ainda uma vez fui vel-o:

— Amas-me?

— Muito!

— Esperar-me-ás?

— Sempre.

— Juras?

— Juro . . . e como prova de fidelidade e juramento inquebrantaveis, vou gravar no tronco dessa arvore, o meu e o teu nome entrelaçados como num beijo de despedida!

E tirando do bolso um pequeno estylete, fez o que dissera: gravou no tronco da velha arvore, muda confidente do nosso amor, os nossos nomes que ficaram unidos como num beijo de adeus. E eu parti, envolvida nos roseos tons da aurora, que surgia no oriente atirando rosas sobre a terra.

. . . .

Voltei. O crepusculo trazia-me innundada na verde luz da esperança, engrinaldada de brancas illusões e sonhos azulados. Dirigi-me rapida para a velha arvore, cujos ramos de folhas brilhantes e esmeraldinas abrigavam á sua doce sombra o nosso amor ardente. Olhei com anciedade para o tronco rugoso, mas recuei louca de dôr: mão impediosa apagára os nossos nomes entrelaçados como num beijo de despedida e gravara, com um supremo requinte de crueldade, deixando o estylete tão meu conhecido como fatal assignatura, a phrase seguinte: «Esquece e perdôa.»

Comprehendi que fôra trahida e uma lagrima, uma só, mas que encerrava em si o meu despedaçado coração, surgiu nos meus olhos, reluziu um instante e desappareceu.

Fugi soluçante, emquanto no poente o sol envolto no seu manto de purpura real, dava o derradeiro adeus a terra num beijo de infinita saudade!

. . . .

Parto novamente, e a lua — lagrima a rolar na face azul do céo — me acompanha tremendo de magua; as estrellas erram pelo espaço soluçantes, emquanto o vento passa entre o espesso arvoredo em dolorosos gemidos, lamentando a minha dor, e eu caminho levando no peito o coração inanimado e frio, como um bloco de gelo, fluctuando nos mares glaciaes!

Ilha do Governador.

ALICE DE ALMEIDA.

TENHO uma filha que está a attingir a idade de casar-se! Grave problema, que faz palpitar meu coração, que me deixa insomne longas noites, de ancia, de medo, de tortura inominada e indescriptivel.

Devo deixal-a ao seu coração ou devo intervir com o meu cerebro?

Seu coração está ainda nublado pela nevoa doirada da phantasia; aos seus olhos extasiados de luz e de vida tudo sorri, aos seus ouvidos tudo canta uma cavatina; seu espirito embriagado de sonho, inexperiente e ingenuo, debate-se descuidado como uma borboleta nova. Ao redor della, de candida flor que esplende a desabrochar, zumbem paixões contradictorias. O meu cerebro porém, não está menos perturbado. A experiencia dura da vida fel-o desconfiado e hostil. O meu amor de mãe tortura-se para adivinhar-lhe um futuro risonho.

E vacilla, vacilla cruelmente... O casamento de amor! Seria um ideal si no materialismo que dia a dia endurece o coração do homem eu pudesse distinguir a voz do coração!

Minha filha fala em amor. Sabe ella acaso o que seja o amor? Não se terá deixado impressionar por uma van miragem, pela illusão de um minuto, pela suggestão perigosa que dimana muitas vezes da emotividade ephemera de um conjuncto de circumstancias fortuitas, de uma coincidencia que a impressiona e que ella não sabe analysar?

O amor verdadeiro é o sentimento de dois individuos que se elevam um para o outro, pelas suas virtudes moraes e pelas suas sympathias physicas. Em nenhum caso o amor póde existir sem que a alma intervenha em larga escala na perfeição do sentimento. Quando falam somente os sentidos sem que o coração lhe dê a replica, a palavra amor não póde ser pronunciada sem erro. E', pois, imprudente consentir num casamento cuja solidez deverá repousar exclusivamente numa attracção reciproca, porque em tal materia é facil enganar-se e nem sempre a mulher possue a fortalesa de alma necessaria para transformar o capricho de um momento num sentimento duravel.

Senhoritas Alice Torrens e Laudelina Corrêa, constantes leitoras do *Jornal das Moças*, residentes em Joinville, S. Catharina

No caso de pobresa reciproca principalmente, a alma da mulher precisa ser de forte tempera para resistir aos desacoroçoamentos futuros que geram as lamentações.

Aquella que sabe resistir aos assaltos quotidianos dos mil vexames da pobresa, que sabe escapar ás ciladas das privações, que sabe rir da miseria, na floração de uma felicidade conjugal superior a taes contingencias, é verdadeiramente digna de amor e de attingir á felicidade real. E' preciso no emtanto convir que as almas mediocres são em maior numero que as almas heroicas e os casamentos de amor não se devem fazer sem a maior circumspecção. Ha heroismos passageiros que se revelam no noivado, promptos a tudo despresar. Mas no casamento essses bellos gestos não são os definitivos, a felicidade do casamento reside, ao contrario, numa serie continua de pequenos gestos de devotamento obscuro, de que nem todas as almas são capazes. Deixando de lado o casamento de amor, em que nada se computa além do sentimento verdadeiro ou illusorio que inflamma a um e outro coração, ha o casamento de inclinação, em que se computa como clausula unica, a attracção reciproca. Elle depende igualmente de possibilidades materiaes ou moraes que podem corroborar ou contrariar a decisão.

Aquella que se casa obedecendo ao seu coração sem se esquecer no emtanto dos interesses moraes e materiaes da existencia, pode aspirar com mais segurança á felicidade. O casamento puramente pratico, no qual só entram em jogo a ambição e o interesse, é um crime e si ha muitas mulheres de alma forte que obrigadas a um casamento dessa especie, têm forças para crear ao redor de si um ambiente superior ao sentimento que presidiu á sua união, ha almas fracas que se refugiam na sentimentalidade, onde só encontram aggravo para suas penas e situações perigosas.

Para estas o perigo está no sonho, que lhes parece innocente, de uma outra imagem mais perfeita do que aquella a que se uniu o seu destino e como a luta pela vida impede o marido de perscrutar com attenção o coração de sua mulher, nascem todos os attritos que o contraste imaginativo da mulher fatalmente trará.

Como então escolher? Vacillando sobre o sentimento que anima minha filha, não querendo sacrifical-a com um casamento puramente pratico—que devo fazer?

Sem recommendar exclusimente a doutrina do bonachão Crysale que declarava que «vivia de bôa sopa e não de lindas phrases» devemos procurar unir uma e outra cousa no casamento, a parte do sentimento e a parte do bem estar material. E' preciso não esquecer a importancia que a moldura dá á mais linda tela; quasi necessaria para uma obra prima, ella é indispensavel para um quadro vulgar da vida.

Já não estamos na época em que o papel da mulher era apagado e sem valor; a evolução da mentalidade feminina têm-n'a erguido á altura das mesmas aspirações do homem, Os homens percebem hoje que a boneca se animou; a ella compete agora provar que é digna do sopro divino que a fez igual ao seu companheiro de existencia.

Na escolha de um noivo para minha filha, ha tres elementos pois que devo computar e que, segundo Dangennes, a grande psychologista do coração feminino, cuja opinião estou resumindo não devem ser despensados: 1º — Não devo deixar minha filha entregue com toda a inexperiencia da sua idade á fascinação de um sonho de amor muitas vezes falso. 2º — Compete a mim, sua mãe, sua confidente, auscultar um e outro coração e distinguir entre uma illusão passageira e um amor sincero, não me deixando, porém, rolar pela outra vertente, que seria o exaggero da minha affectividade materna, berço de escrupulos excessivos. 3º — Si o casamento em que só impera o amor, sem ter nenhuma conta das necessidades materiaes da existencia em commum — é passivel de censura, o casamento em que só entra o interesse é digno do mais profundo amathema, porque é o gerador das grandes desgraças conjugaes.

Ha mães que repetem: Sei que minha filha vae fazer um casamento desigual; não quero, porém, contrariar-lhe o coração para que não se queixe mais tarde de mim.

Quão erroneo é este conceito!

Não farei assim. Não tenho direito de casar minha filha contra sua vontade, por melhor que seja o "partido". A sua revolta seria justa mais tarde, quando se sentisse infeliz.

Não devo, porém, entregal-a com os olhos vendados, a um acaso perigoso, porque como na primeira hypothese, a sua revolta será fatal contra quem venha conduzir-lhe os passos desde o berço e não lhe abriu os olhos a beira de um precipicio, que uma relva florida occultava... Agora, ella pensa amar; só vê a alegria das flores e a glauca esperança da relva humida do primeiro orvalho.

Senhorita Maria Menezes, intelligente collega da *Folha do Sul*, Santa Catharina

E' natural, pois, que bata o pé e chore irritada quando puxar pela manga de rendas do casaco de junto ao doce enlevo das primeiras flores que surgem no seu canteiro!

Amanhã, porém, uma outra menos avisada arriscará o passo que eu lhe evitei e então, quando o precipicio abrir suas fauces hyantes e tragar mais um coração e uma vida para o drama da desgraça, ella me agradecerá por certo. Vou, pois, experimentar-lhe o coração... e analysar o sentimento que o rapaz que a corteja lhe declarou hontem ao fim do baile... Não entregarei minha filha antes de uma analyse detida do que o futuro lhe offerece e lhe póde dar ao coração, e aos outros orgãos, porque para mim já passou a época do romance e foi minha filha justamente quem me ensinou, ao nascer, que a vida tem uma funcção mais alta e mais elevada do que desfolhar malmequeres junto ao homem amado.

Ponho-me de guarda. Vigio o pretendente. Estudo-lhe a alma. Aquilato-lhe a alma. Peso-lhe a capacidade de trabalho. Verifico-lhe as origens, o passado, o presente, para advinhar-lhe o futuro. Não me fio em informações de amigos.

Ninguem se ha de querer comprometter contando-me os vicios que o deformam. Faço eu mesma o exame. Sou a maior interessada; é minha filha, é meu sangue, é a minha vida que novamente se vai conjugar... Serei eu mesma a investigar e a julgar. E porque não? Si devo ser sogra amanhã, que inconveniente ha em que tome conta do cargo de vespera?...

JOANNA DE MAGALHÃES

ARRUFOS

— Sabes... estou zangada.

— Porque? que te fiz eu? tu, querida, sempre, sem motivo, me ameaças de zanga, dando assim a prova do quanto és fingida...

— Offendes-me?!

— Sim... porque assim tu queres... que te fiz eu?...

— Peguei-te numa mentira; disseste-me hontem que ias para casa e no emtanto não o foste!...

— Scismas... desconfianças... como provas?

— Desmente!...

— Fui para casa...

— Não foste...

— Fui...

— Não...

— Então...

— ?!...

— Vou retirar-me...

— Sim...

— Boa noite...

— ?!...

. . . .

Escuto!... Que ouço?... uma voz ao longe brada... E' ella que talvez me chama; porém ella?!... se estamos zangados?... Vou vel-a.

. . . .

Sózinho parti... tudo dezerto... não vejo ninguem... escuto o timbrar da voz, minha conhecida, que diz: «chamei-te para dizer: és traidor... és tyranno... como roubaste a uma infeliz o seu pobre coração?!...

Porque não a deixaste só?...

Para que com as tuas palavras fingidas, fizeste brotar ness'alma uma scentelha do amor primeiro?...»

A custo, sentindo o cerebro opprimido, dos meus labios escaparam-se estas palavras:

— Por Deus, dize-me... quem fala?...

— Bem sabes... sou eu... por ti já não posso mais conter os soffrimentos... confessa... mentiste...

. . . .

Solitario e triste, sinto a oppressão que me dilacerava o peito... falta-me o animo para voltar... lembro-me della... estremeço... ahi fico.

. . . .

Acordo... inseparavel impressão... tudo me punge... recordo-me da agonia do meu somno. Tudo fôra um sonho... mas um sonho talvez real... não supporto.

. . . .

Arrufos de namorados; quebro o capricho e lhe falo:

— Querida, perdoa-me... acredito em ti... acredito em teu amor; juro... sou sincero... as minhas juras serão cumpridas.

. . . .

Fizemos as pazes.

PAULO DE MATTOS.

A tempestade

Ao collega Demetrio da Cunha Antunes

E' a tempestade um bello phenomeno metéorologico, mas de effeitos terriveis ! Quasi sempre se manifesta nos cálidos mezes de verão.

Já ao romper d'aurora apparece no Oriente rubra faixa prenunciadora de grande calôr. Depois, surgindo o astro rei dardejando para a Terra seus fulgentes raios é saudado pelos maviosos cantos da passarada, emquanto que aligeras borboletas saltitam por entre mimosas flores. Mas, tanta belleza, tenta luz, contrasta com o terrivel calôr !

Agora, o aspecto é todo outro ; sente-se a atmosphera pesada, como que paralysada, nem a mais leve aragem vem refrescar a terra ; as flores até então viçosas estão emmurchecidas pelos ardores solares ; já não se ouve o alegre canto dos passarinhos, que se refugiaram no mais recondito dos bosques.

Eis que ligeira brisa se faz sentir ; depois, um vento mais forte sopra levantando nuvens de poeira ; o céo até então azulado e claro reveste-se de negras nuvens.

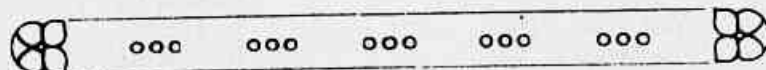
Bramido longiquo se faz ouvir, é o trovão : depois outro e mais outros se vão tornando mais distinctos, ao mesmo tempo que clarões luminosos rasgam as nuvens negras e pesadas, são os relampagos ! Então estampidos mais fortes vêm ferir nossos ouvidos, emquanto que, em zig-zag, luz intensa e momentanea fende o ar o raio, faisca electrica de effeitos terriveis ! Depois desse lutar da natureza, irrompe a chuva com grande fragor e abundancia ; mas... pouco a pouco vai diminuindo de intensidade ; o céo começa a clarear, do lado Occidente apparece por entre fugitivas nuvens o bello arco-iris que annuncia o fim da tempestade.

Voltando tudo á primitiva calma, póde-se contemplar os estragos produzidos : Alli, são innocentes aves e até mesmo quadrupedes que jazem por terra, arvores colossaes derrubadas pelo vendaval e esbeltas palmeiras fendidas pelo raio destruidor.

Mas, todos estes estragos são compensados pelo descarregamento da atmosphera.

Rio—HELIOTROPO ROXO.

A graciosa Jurema Braga dos Santos

Avany, filhinha do Sr. Alyrio Alcantara residente em Laguna

A VERDADE

Nasceu formoso menino
Num presepe de Belem ;
Era a missão que trazia
Mostrar aos homens o bem.

Foram saudal-os pastores,
Pastores, do povo gente,
Mas quem alli governava
Quiz matar o innocente,

Não morreu, que a terna mãe
O seu perigo sonhou,
E no materno regaço
A outra parte o levou.

Comtudo a sua missão
Não lhe era dado faltar,
Por isso quando cresceu
Veio a verdade ensinar.

Directores mentirosos
O expuzeram ás iras,
Que a verdade não agrada
A quem desfructa mentiras.

E foi elle perseguido,
Como ladrão flagellado,
E por ordem dos mandões,
Sem culpa crucificado

Morreu sim, mas vive ainda,
Que não acaba a verdade,
Sua doutrina ficou
Por toda a eternidade.

Desengane-se a mentira;
Se ainda sabe illudir,
Nem com ferro, nem com fogo
Póde a verdade extinguir.

J. J. TEIXEIRA

Helios, filho do tenente Ernesto Brito Chaves, immediato da E. A. M. de Natal. R. G. Norte.

As graciosas Astyr e Najla Jabôr, filhas do cirurgião dentista Dr. Alfredo Jabôr

A embriaguez

De todos os vicios existentes, a embriaguez, a meu ver, é o peior de todos elles, porque o homem que se embriaga perde a bem dizer o juizo, e commette os mais torpes actos que se podem imaginar.

Todos em geral tem amigos ou pelo menos companheiros. Até o mais barbaro assassino tem seus amigos ; porém, o bebado só os tem emquanto paga nas tavernas todas as bebidas, que bebe juntamente com os outros.

Assim que elle acaba com o seu dinheiro, é abandonado pelos seus companheiros de copo, e fica cahido em cima de uma mesa ou mesmo no chão, até que o taverneiro brutalmente o leva para o meio da rua, onde o infeliz cahe e passa ahi a noite, si por acaso algum guarda não o conduz ao xadrez.

Para dar mais uma pequena idéa do que vem a ser este terrivel mal, vou citar um facto, que deixará os leitores mais ou menos conhecedores do assumpto :

Em uma pequena povoação vivia um viuvo, homem muito rico e virtuoso, que tinha um filho que era o seu unico pensamento. Tudo o que este filho desejava, era immediatamente satisfeito, embora em cousas as mais absurdas. Quando este menino cresceu, tornou-se um rapaz cheio de vicios. Ahi foi que o pae viu o mal que tinha commettido em não educal-o convenientemente. Ora, como já disse, o rapaz só tinha vicios e por isso frequentava as tavernas, onde existiam os peiores criminosos. Um destes homens, projectando já um plano criminoso, pois sabia quanto era rico o pae daquelle, emprestou-lhe com juros fabulosos uma enorme quantia, que o desgraçado gastou immediamente em bebidas e jogos.

Chegado o dia do pagamento, o rapaz não tinha dinheiro para pagar a divida, e o criminoso disse-lhe então que se até o dia seguinte não pagasse a quantia, que elle o mataria. Depois de ter bebido a ponto de quasi não poder andar, foi o infeliz para o lar paterno, onde o esperava o velho pae cheio de desgostos.

Chegando em casa, seu primeiro cuidado foi pedir ao velho a quantia necessaria. Este, porém, já cansado de supportar tantos vicios, disse-lhe que não ; mas o filho, com o medo com que estava de morrer, e no desejo de adquirir o dinheiro, resolveu roubal-o no cofre do proprio pae. A chave deste cofre estava guardada no quarto do velho. E como o rapaz não podia abrir o cofre sem a chave, foi ao quarto de seu pae buscal-a. Chegando lá, porém, o velho acordou, e vendo aquelle vulto, julgou ser um ladrão e levantou-se de revolver em punho.

O filho vendo a sua vida pender por um fio, não vacillou : saccou do seu revolver e descarregou-o sobre o velho ; depois, sem reflectir, pois ainda estava muito embriagado, dirigiu-se para o cofre, roubou todo o dinheiro que este continha e deitou-se a dormir.

No dia seguinte, passados os effeitos do alcool, foi que elle se lembrou do que se passara, pensando que fosse simplesmente um sonho. E neste triste estado dirigiu-se para o quarto da sua victima.

Ahi chegando, o que viu chamou-o á realidade dos factos : no quarto, banhado pelo seu proprio sangue, jazia um cadaver.

Matei meu pae ! foi sua ultima phrase. E pegando na arma assassina matou-se.

Leitores ! não devemos contrahir semelhante vicio, bem como outros mais, pois elles só nos dão prejuizos á saude, infelicidades a todos os que nos rodeiam, e mais a deshonra de nossos paes e de nossa querida Patria.

CANDIDO ALBERTO PEREIRA
(Do 1º anno secundario do Gymnasio Federal).

A Moacyr, meu afilhado

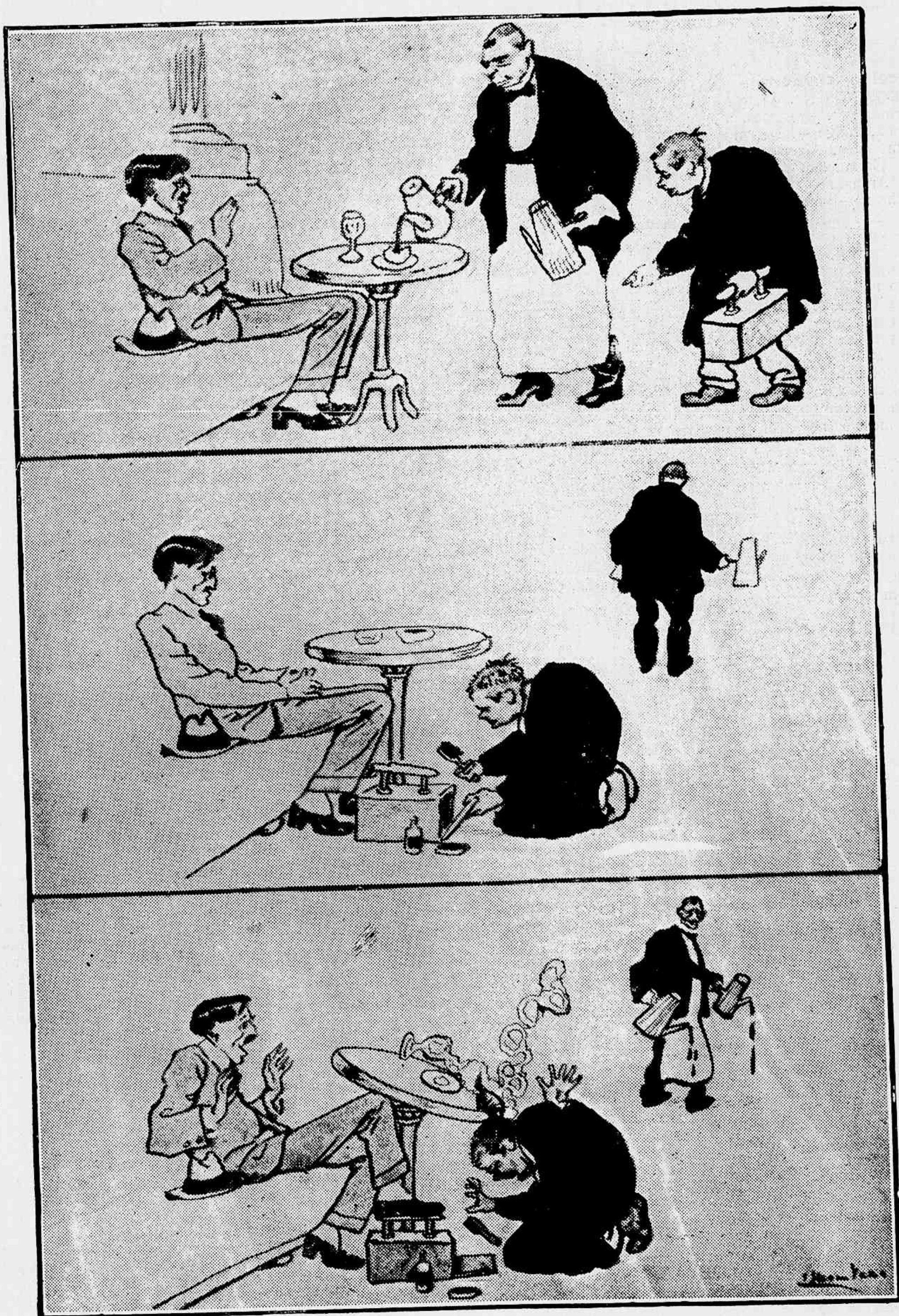
No seu primeiro anniversario natalicio

Meigo e innocente menino :
Hoje completas um anno
De existencia neste Mundo
De expiação, de eterno engano...
E o teu porte peguenino,
Bello, mimoso e jocundo,
Já me encanta e me seduz !
Por isso, implóro a Jesus
Que te illumine o caminho
De uma longa e honrosa vida,
E, ao lado de teu padrinho,
Faça-te a alma ennobrecida!...

Meyer, 15 de Dezembro de 1915.

NORIVAL POSSIDONIO.

Flavina Odette Costa e Myosotis Ary Costa, filhas do Sr. Simão Patricio. Parahyba do Norte

HISTORIA MUDA

O ENGRAXATE DO CAFÉ

TORNEIOS CHARADISTICOS

Terceiro torneio. — DECIFRAÇÕES DOS PROBLEMAS PUBLICADOS NOS Ns. 33, 34 e 35 : — Lagopede, Turmalina, Copiapó, Primadona, Erostrato, Simira, Calamidade, Versão, Albornoz, Orama, Liage — liége, Mera — merú, Ode ; Maria Magdalena, Dez e um, Idea, Alzemira, Resalva, Pechincha, Constantinopla, Candido, Caramelga, Trovoada, Assuada, Quedo — a, Mero — a, Pada — o, Aranata — ata, Papula — pala, Alméce — alce, Maeda — moda, Achromo — amo, Pomona; Carambola, Festa do Paraizo, Alagoado, Rancor, Barracão, Avelino, Alfaiate, Atacama, Dieta — dita, Vidama — vima, Limula — lila, Pedreiro — a, Delfino — a, Nicaragua — cara, Itamaraty — tamara, Amorosa — moro, Moliere.

A apuração geral será publicada no proximo numero.

Tendo havido empate entre as collegas Chloris, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, M. d'Angouléme, Menina de Chocolate, Mysteriosa e Noemia B, convido-as a enviar-me até o dia 5 deste mez um problema para o desempate, o qual poderá ser confeccionado por qualquer dos diccionarios que eram acceitos no decurso deste torneio, não indicando a solução na carta que nos enviarem.

Por occasião da remessa das soluções dos demais problemas, cada autora enviará tambem a do seu trabalho, obrigação que será cumprida mesmo no caso de desistencia de concurrencia ao desempate.

VOTAÇÃO PARA O MELHOR TRABALHO. — Recebemos até o dia 20 deste mez os votos para o melhor problema publicado no terceiro torneio.

Quarto torneio — Premios ás duas decifradoras que alcançarem maior numero de decifrações e á autora do melhor trabalho.

PREMIOS EXTRAORDINARIOS. — A's autoras dos melhores trabalhos em segundo e terceiro logares : meia duzia de caixinhas do perfumoso, aromatico, persistente e delicioso pó para perfumar a roupa — EDEN FLORAL.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS PUBLICADOS NO N. 36 : — Velhacaria, Estafado, Algorem, Rico, Capitalista, Parabens, Colarega, Almadia, Arrelia, Carão — Camarão, Fogo-folego, Fado — Fanado.

DECIFRADORAS : — Chloris, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Junulino, Menina de Chocolate, Mysteriosa, Noemia B, Ruth Velha Flor, Santinha Souci, Nininha, Leduc, Violeta, Zalair, Mimi, Mlle. Icarahy, Esmeralda, Rian e Olympique Trio — 12 pontos ; Maluquinha e Celina — 11 ; Cycy — 10 ; Mercês — 9 ; Nemrac Ladiv — 7 ; Mlle. Alzira — 5 ; Pasquinha — 3 ; Ailez, Farfalla Azzurra, Garota Nomeia, Balbina Garcia da Silva, Verda Stelo e Clio — 1.

QUINTO TORNEIO

Problemas ns. 1 a 10

Charadas novissimas

2 - 1 — A minha amiga achava graça do solo desta provincia.

Chloris

1 - 1 - 2 — A primeira pessoa que nesse tempo estudava era uma mulher.

Colibri.

9 - 2 — Maria Santissima falta á verdade procedendo com muita misericordia.

Verda Stelo.

2 - 2 — Na concha de vossa bocca, senhora, que bella flor se conserva !

Zalair.

1 - 2 — Um grito alto.

Nemrac Ladiv

2 - 2 — Na extremidade mais consideravel está a cidade.

Ivna

1 - 2 — Venha cá mulher, vamos ver a nova charadista.

Celina

2 - 1 — Dei uma planta em Roma a este homem.

Junulino

1 - 2 — A primeira não fica longe da compressão.

Stela Garcia

A's boas collegas

2 - 2 — Optimas alegrias desejo ás collegas no dia de hoje.

Chrysanthéme d'Or.

Problemas ns. 11 a 15

Charadas syncopadas

3 - 2 — Quanta cautela para subir ao monte.

Leduc

3 - 2 — Esta abobora serve de marco divisorio.

Mimi.

4 - 2 — Este animal não anda.

Cycy.

4 - 2 — Tem máo machinismo todo o assassino

Farfalla Azzura

3 — Este paiz tem boa fructa.

Carolina da Fonseca

Problema n. 16

(**Retribuição as distinctas charadistas Roitelet, Junulino, Gerote Nonicia, Menina de Chocolate. Chrysanteme d'Or e Colibri e dedicado a todas as collegas desta secção.**)

A's minhas gentis collegas,
Complascentes, carinhosas, — 2 —
Que têm dirigido ao *Degas*
Producções maravilhosas,

Entre applausos e caricias — 2 —
E bastante embevecido
Agradeço essas delicias
Que me têm enternecido.

Aproveito este momento
De jubilo e contentamento
P'ra fazer retribuição :

Flores, flores offereço,
Prendas e joias de apreço
E mesmo o meu coração.

Orama.

CORRESPONDENCIA

Violeta, Arlinda Lima e *Santinha* — Recebemos.

As Tres Graças, Antonietta Mandarino, Melpomenes, Clio, Pasquinha, Singella, Zilda, Roitelet, Mystica e outras — Esperamos que as illustres collegas regressem ao nosso Parnaso, com a entrada do Anno Novo, pois, as saudades são muitas.

Ailez, Euterpe e *Menina de Chocolate* — A persistencia é a principal potencia para qualquer idéal. Porque nos abandonaram ? Colheram os primeiros louros das victorias e...

Cycy — Causaram-nos immenso jubilo a vossa missiva e a noticia de que estais satisfeita e feliz entre as novas amiguinhas ahi conquistadas. As pessoas boas e amaveis estão sempre bem em toda a parte.

Noemia B., Zalair, Esmeralda, Olympique-Trio, Chloris, Leduc, Verda Stelo, Mysteriosa, Santinha e *Ruth Villa Flor* — Recebemos.

Euterpe, Menina de Chocolate, Colibri e *Chrysanthéme d'Or* — Recebemos as soluções do desempate.

Orama

COUPON
Torneio charadistico para moças
Voto no problema n.º
....

COUPON
Torneio charadistico para moças.
1—1—916

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

HUMBERTO MARTINS— E' possivel que se tivesse extraviado, pois não encontrámos em nossa pasta o trabalho a que se refere, o que aliás, era facil acontecer, pois como sabe transferimos o nosso escriptorio. Si o amigo quizer darse ao trabalho de mandar outros originaes ficaremos muito gratos.

ALICE ALMEIDA — Gratos á sua amavel visita. Os seus trabalhos estão bons e serão publicados.

CARMELITA M. S. — O seu trabalho o «Leque» para se tornar interessante, precisa mais vivacidade e elegancia no estylo; com alguns retoques, pensamos, v. ex. chegará a esse resultado.

NORIVAL— Os versos vão ser publicados de accordo com o que disse em sua carta, quanto a «Carta de Amor» pedimos ao illustre amigo para fazer uma nova leitura e dar-lhe alguns retoques e escoimal-a de alguns pequenos senões. Chamamos especialmente a sua attenção para o terceiro paragrapho : *E aquelle airoso vestidinho curto*, etc..,

EULINO G.—Fraquinho o soneto «Olhos que falam», entretanto, o sr. mostra ter geito para versejar.

LEÃO RODANE—Precisa uns pequenos retoques. Será publicado.

NOEMIA MARTINS—Publicaremos o postal.

WANDERLEY R.—Os sonetos precisam de alguns retoques.

LESCETE—Será publicado o postal.

HUGO CHRISTOVÃO—Com franqueza, não podemos responder-lhe porque não encontrámos o original. Vamos dar uma nova busca, mas seria preferivel que o illustre amigo mandasse novamente.

LICHALVES A.—Aqui não ha rigor e sim muito boa vontade para todos os nossos amaveis collaboradores. Os seus versos «Recuerdo», demonstram inspiraçao facil, mas é necessario que o amigo estude a metrificação.

MLLE. ALZIRA—E' preciso aprimorar o estylo.

LOPES CARDOSO—Um pouco nephelibata o estylo da sua «Carta de amor.»

MLLE. DIAVOLINA—O seu *Idylio* está fraquinho e ficamos deveras surprehendidos, pois v. ex. já tem escripto cousas muito melhores.

K. Milo—O seu trabalho não tem tolices, mas é pouco interessante, principalmente dedicada á Magnolia Tristo. O sr. conhece-a?

Benjamin Costa—Bons os seus versos, serão publicados.

MARIETTA—Encontra na Casa Gonçalves, rua Sete de Setembro.

JULIA MARTINS—Do autor citado não conhecemos; quem sabe si não ha engano?

MARIA—O conto que nos mandou intitulado «Desobediencia de Sylvia», além de ser longo de mais para o espaço disponivel, resente-se de algumas faltas que v. ex. poderá corrigir.

NAIDA SILVA—De outra vez, escreva em tiras e de um só lado.

CHRISTINA M. T. C.—De facto, a educadora deve ser modesta, mas o seu artigo poderia provocar uma discussão que não está nos moldes desta revista.

PECEGO—Pouco interessante o seu trabalho, sob o ponto de vista litterario, apezar de estar correctamente escripto.

FLAVIO LEAL—Bons os sonetos.

MARTHA AOEPFUER—V. ex. demonstra vocação poetica, mas para chegar a bom exito, torna-se indispensavel estudar metrificação.

SEIXAS—Estude metrificação e volte, querendo.

HUMBERTO M.—Idem, idem, na mesma data.

MARIA J. N. DE Araujo—Bom o seu trabalho, será publicado.

GRINGOLET—Pouco interessante.

JOÃO DO CAMPO—Para um homem do campo os seus versos estão regulares, mas para serem publicados necessitam de alguns concertos, sem o que não podem ir lá dos...pés.

ELZA G. N.—Pedimos a v. ex. que escreva de um lado só do papel e com mais cuidado para facilitar a leitura.

LAZARO A. M.—Os versos precisam de uns reparos metricos.

JENTHRO SARAIVA—Bons os versos, aguardam espaço.

ESTHER A. ATTHAYDE—A bellesa do verso está não só no bello estylo, como na riquesa das rimas. O poeta tem que vencer todas essas difficuldades, accommodando ao verso a propria grammatica e delle afastando as rimas forçadas e só as empregando em recurso extremo, para poder empôr-se á consagração publica. Assim sendo, deve evitar a rima de bella com estrella, o que, entretanto, é permittido. O que não póde ser absolutamente admittido é luto com estulto.

DE TUDO UM POUCO

O dedal

O dedal não existia ainda na primeira metade do seculo XVII.

Foi um alfaiate da Hollanda que teve a engenhosa idéa de proteger o dedo medio direito com uma pequena peça metallica, naturalmente sem a elegancia do dedal moderno. Foi isso em 1695.

Em 1696, na Inglaterra, fabricavam-se dedaes em grande escala e o invento do alfaiate hollandez começou a popularisar-se, tornando-se peça indispensavel no arsenal dos alfaiates e costureiras.

A principio faziam-se os dedaes com ferro ou latão. Depois o ouro, a prata, o aço, o crystal e a madreperola foram usados na sua confecção. Na China, por exemplo, os dedaes de ouro são relativamente communs, porque o chinez é muito supersticioso e o dedal gosa na ex-Republica Celeste do renome de um excellente talisman.

A meteorologia das abelhas

Quando o céo está sombrio, encoberto ou ennevoado, as abelhas não deixam todas juntas o seu albergue. A saida matinal effectua-se isoladamente, como se a «rainha» mandasse uma guarda avançada para verificar se as suas subditas podem sair em grande numero sem perigo.

Si o céo está encoberto e o tempo pouco seguro, permanecem em observação, temendo a chuva, até que as nuvens começam a dissipar-se; então começa o movimento, saindo por batalhões em busca do nectar das flores.

Em tempo de neve conservam-se encerradas para evitar a humidade e o frio, que são os seus mortaes inimigos.

A meteorologia da abelha consiste especialmente em não ser surprehendida pelo imprevisto: a sua vigilancia não affrouxa nunca. Na colonia emprega todo o seu talento para o bem-estar das suas companheiras; no campo, o ouvido, o olfacto, a vista, tudo emprega para a sua conservação.

Póde observar-se em qualquer occasião a rapidez com que as abelhas regressam ao cortiço quando uma nuvem muito negra escurece a luz do sol.

Vêem-se então centos e centos dellas que, vindo de sitios diversos, se juntam no mesmo ponto proximo da entrada da colonia, descrevendo com o seu vôo graciosas curvas e emprehendendo de novo a sua expedição com egual rapidez quando comprehendem que já não ha perigo de chuva.

Si alguma vez um temporal as surprehende em pleno campo, é quando se desencadeia de repente um cyclone, mas nunca quando o céo se vae toldando lentamente, quando as nuvens interceptam a luz solar.

Lendas de Santa Sophia

Estando actualmente em fóco, na conflagração européa, a velha e tradicional Constantinopla, ameaçada pela esquadra anglo-franceza, ha toda opportunidade em relembrar neste momento duas lendas interessantes, referentes á igreja de Santa Sophia, celebre templo catholico do reino de Constantino, convertido em mesquita depois que os Turcos se apossaram da cidade.

Quando Mahomet II, a 29 de maio de 1453, entrou a cavallo naquella basilica, estava, dizem, um padre christão celebrando a missa.

No meio dos gemidos dos moribundos e do fragor do combate, o sacerdote pegou nos vasos sagrados e desappareceu por uma porta situada na galeria. A soldadesca turca tentou perseguil-o: ao chegar, porém, ante a pequena porta, esta tinha desapparecido, e no seu logar via-se uma muralha lisa e sem abertura alguma.

Affirma a tradição que, no dia em que em Santa Sophia tornar a celebrar-se o culto christão, a muralha abrir-se-á de novo e o mysterioso sacerdote reappareceria para terminar o sacrificio da missa.

Esta lenda está muito propagada entre os Christãos do Oriente e com ella corre outra em que os Turcos acreditam, segundo a qual ha sempre dois enormes cirios de ambos os lados do «Mirha», que ardem durante as grandes solemnidades religiosas.

No dia em que estes cirios acabarem de gastar-se—dizem os Turcos—Constantinopla tornará á posse dos christãos.

Terá chegado agora a occasião de reapparecer o padre e de se extinguirem os cirios?

A côr das cidades

Aeronautas que fizeram numerosas ascensões puderam observar este curioso phenomeno: Vistas do alto, as grandes capitaes do mundo apresentam tintas de côres bem difinidas.

Algumas são azues, outras côr de rosa, outras pardas, sendo verdes a maior parte.

A côr de Paris é creme, um creme sujo e monotono, apezar da brilante fita do Sena. Londres, azul no centro, passa ao pardo na peripheria, depois ao escuro, e emfim ao azul pallido. Washington é verde, de um verde brilhante no verão mais carregado no outomno. Nova York, pelo contrario, apparece como uma mistura bizarra de varias côres, entre as quaes predomina o castanho-claro.

RECEITAS

Sopa magra

Um repolho pequeno, ou de preferencia uma couve crespa fechada, parte-se ao meio e mergulha-se em agua fervendo e deixa-se ficar algum tempo emquanto se cortam em pedaços bem pequenos um ramo de aipó, duas ou tres cenouras, um dente de alho, duas cabeças de nabo, uma cebola e seis cravos da India.

Tira-se a couve e bota-se com tudo que se cortou em uma panella que esteja ao fogo com agua a ferver.

Quando tudo isto estiver em meio de sua cozedura, juntam-se algumas batatas inglezas; partidas, uma pitada de pimenta do reino, sal e manteiga, conforme o gosto.

Logo que esteja cozido no ponto necessario manda-se á meza assim, ou derramada sobre fatias de pão torrado passadas em um pouco de manteiga.

Biscoutos de flor de laranja

Põe-se numa cassarola a porção de assucar e agua que se julga conveniente á quantidade de flores de laranja que se tem.

Logo que a agua está em ebulição lançam-se-lhe dentro as folhas de laranja, que só devem ser colhidas pouco antes de servir-se dellas e ás quaes se têm cortado as petalas em pedacinhos.

Deixa-se ferver até que o assucar fique claro, engrosse-se

Chegando a ponto de fio, mexe-se fortemente, deixa-se dar duas fervuras sem mexer e tira-se depois do fogo, derramando-o promptamente em caixinhas de papel que se terão preparado antes.

Logo que a quintura dos biscoutos seja supportavel á mão, tira-se-lhes o papel e estão promptos.

Esta qualidade de doce dura por muito tempo.

Creme de café

Meio litro de bom café, derrete-se nelle 125 grammas de assucar e deixa-se arrefecer. Quando estiver completamente frio, diluem-se neste café seis gemmas de ovos; côa-se a mistura e cosinha-se o creme, assim preparado, em banho maria.

= A =

Casa Stephen

R. de S. José

Esquina do

Largo da Carioca

A cada instante V. S. necessita

DE UMA

Caneta Tinteiro

Lembre-se do desgosto que V. S. experimentou sendo obrigado a usar as pennas fornecidas nas Repartições Publicas !

Mas lembre-se tambem da irritação da qual V. S. foi victima, quando quiz escrever com a CANETA TINTEIRO **BARATA** que V. S. comprou de «occasião» !

De quasi todos os artigos existem muitas marcas boas e marcas inferiores; canetas, tinteiro confirmam a regra pela excepção, pois no mundo inteiro só se fabricam duas marcas bôas, a marca **Mercantil** e a marca **Waterman.**

a CASA STEPHEN

a RUA S. JOSE' 117 (esquina do Largo da Carioca) Rio de Janeiro; São Paulo — Rua Direita, 34-A, tem um sortimento destas duas marcas no valor de 50 contos de réis.

a **CASA STEPHEN** é a unica casa no Brazil que se especializa neste artigo

---

O maravilhoso **THE AUTO-PIANO** fabricado pela The Autopiano de New-York, é a ultima palavra em pianos mecanicos; nelle não se póde tocar erradamente.

O **The Autopiano** é mais aperfeicionado que qualquer outro piano pneumatico, é mais resistente e tem voz superior, o **The Autopiano** traz a felicidade ao seu lar.

V. S. pode adquiril-o na agencia geral para o Brazil

a CASA STEPHEN

á Rua de S. José 117

(Esquina do Largo da Carioca) Rio de Janeiro; São Paulo—Rua Direita, 34-A

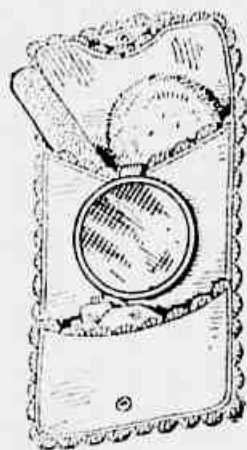
as condições que melhor lhe convierem.

Vendas por conta da fabrica, sem lucros de varegistas.

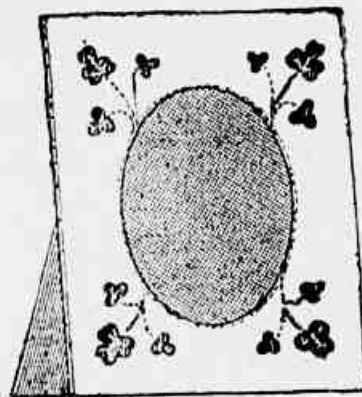
Rolos de Musica vende-se mais barato que qualquer outra casa.

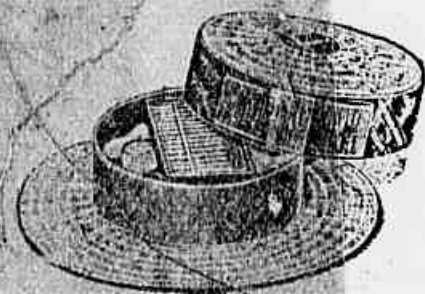
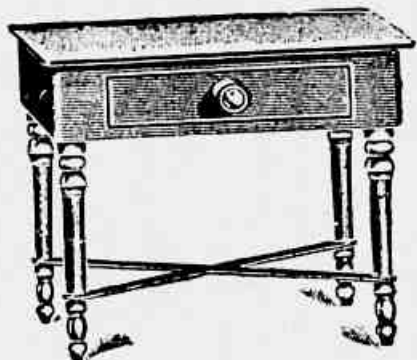
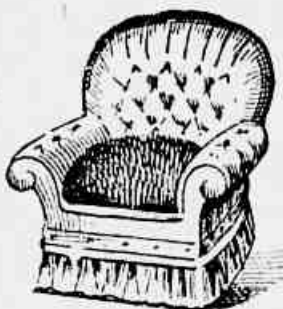
V. S. está convidado cordialmente para ouvir e tocar no maravilhoso **The Autopiano.**

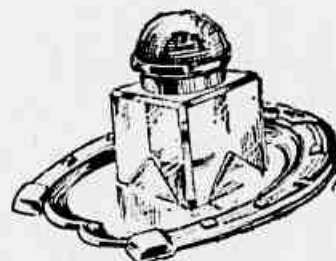
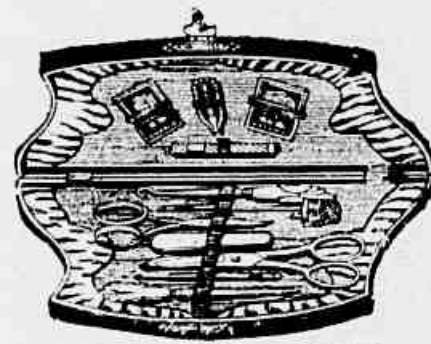
tomamos esta opportunidade de informar V. Ex.ª que, durante as ultimas semanas, temos recebidos muitas remessas da Europa de artigos proprios para presentes. Illustramos aqui alguns dos mesmos e convidamos V. Ex.ª a visitarem-nos e inspeccionarem a nossa exposição.

No. 20495 — 16$
Bonita blusa de etamine com bordado e renda, e botões de Irlanda.

No. 26823 — 2$
Pequeno estojo de camurça contendo artigos para unhas, etc.

No. 23375 — 5$
Cinzeiro de metal nickelado. Fundo esmaltado.

No. 23958 — 3$
Pregadeira de metal dourado

N. 23270 — 3$5
Passe-partout para retratos de 9 cm. X 13 cms. Aluminio com desenhos pintados em volta.

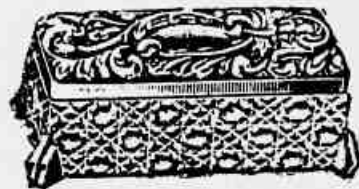
No. 20505 — 6$
Linda blusa de batista de algodão, adornada com pregas e plissé.

No. 24283 — 3$5
Estojo para Costura, contendo 5 peças uteis. Tambem para escrever.

No. 23008 — 10$
Guarda-joias dourado ou nickelado forrado de seda.

No. 23952 — 2$
Pregadeira de metal dourado

No. 23951—3$
Pregadeira de metal dourado

No. 27958—3$5
Tinteiro de metal dourado

No. 22964 — 18$
Estojo forrado de setim com peças uteis.

No. 29778—12$
«Veilleuse» toda dourada, com franja de contas de vidro.

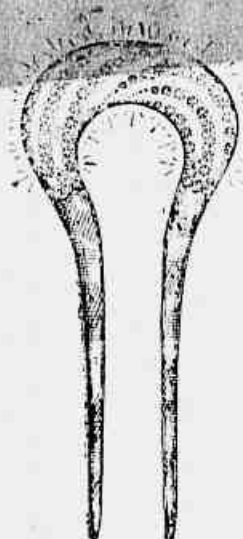
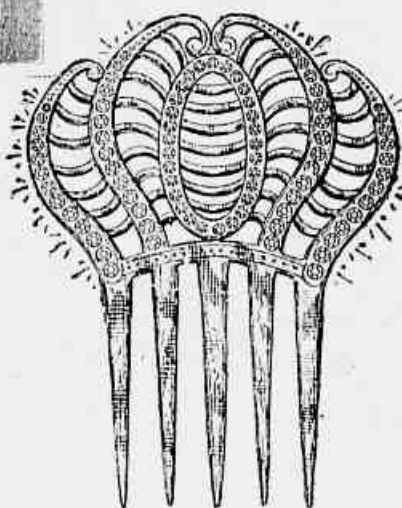
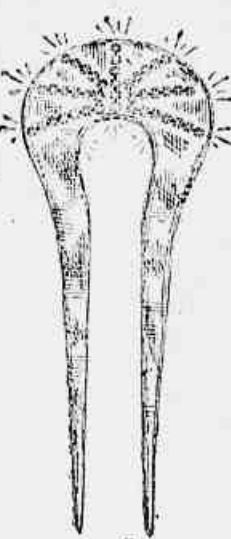
No. 24841—3$
Para flores. «Electro-plate». Altura 15 cms.

No. 24333—18$
Veilleuse de metal dourado, adornada de pedras de côr.

Caixas de vidro, com tampas de "Electro-Plate" — de 2$ até 6$.

No. 24336—22$
Ornamento religioso dourado e prateado, com franja de contas de vidro.

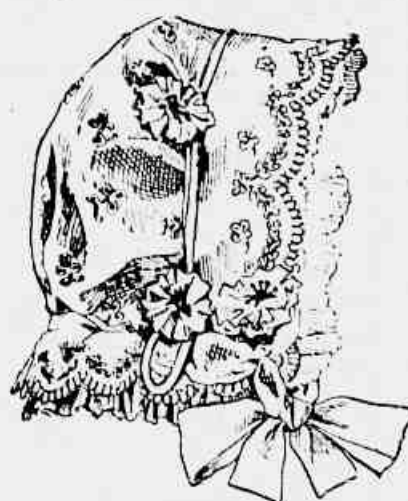
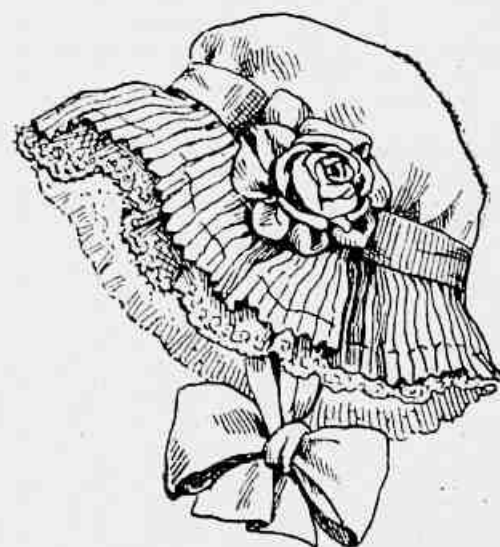
No. 22576—12$
Guarda-joias de metal dourado em relevo, forrado de setim acolchoado.

No. 23318—5$
Vaso para Flores. De metal nickelado.

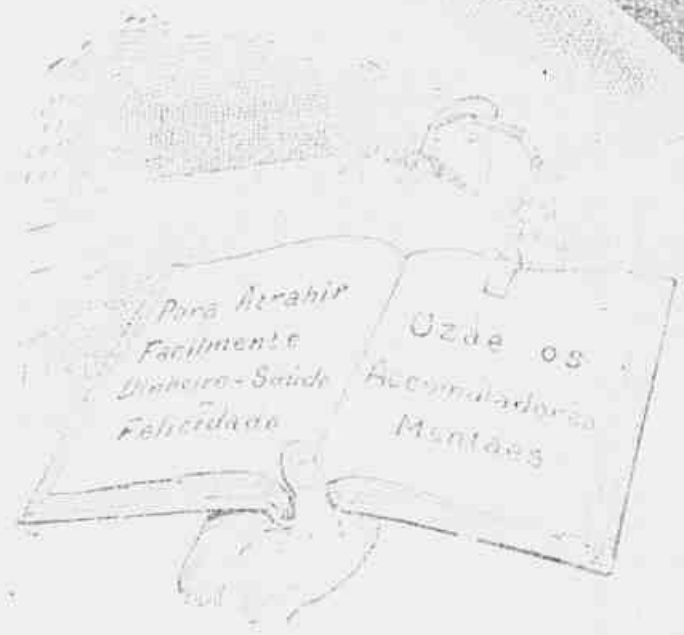
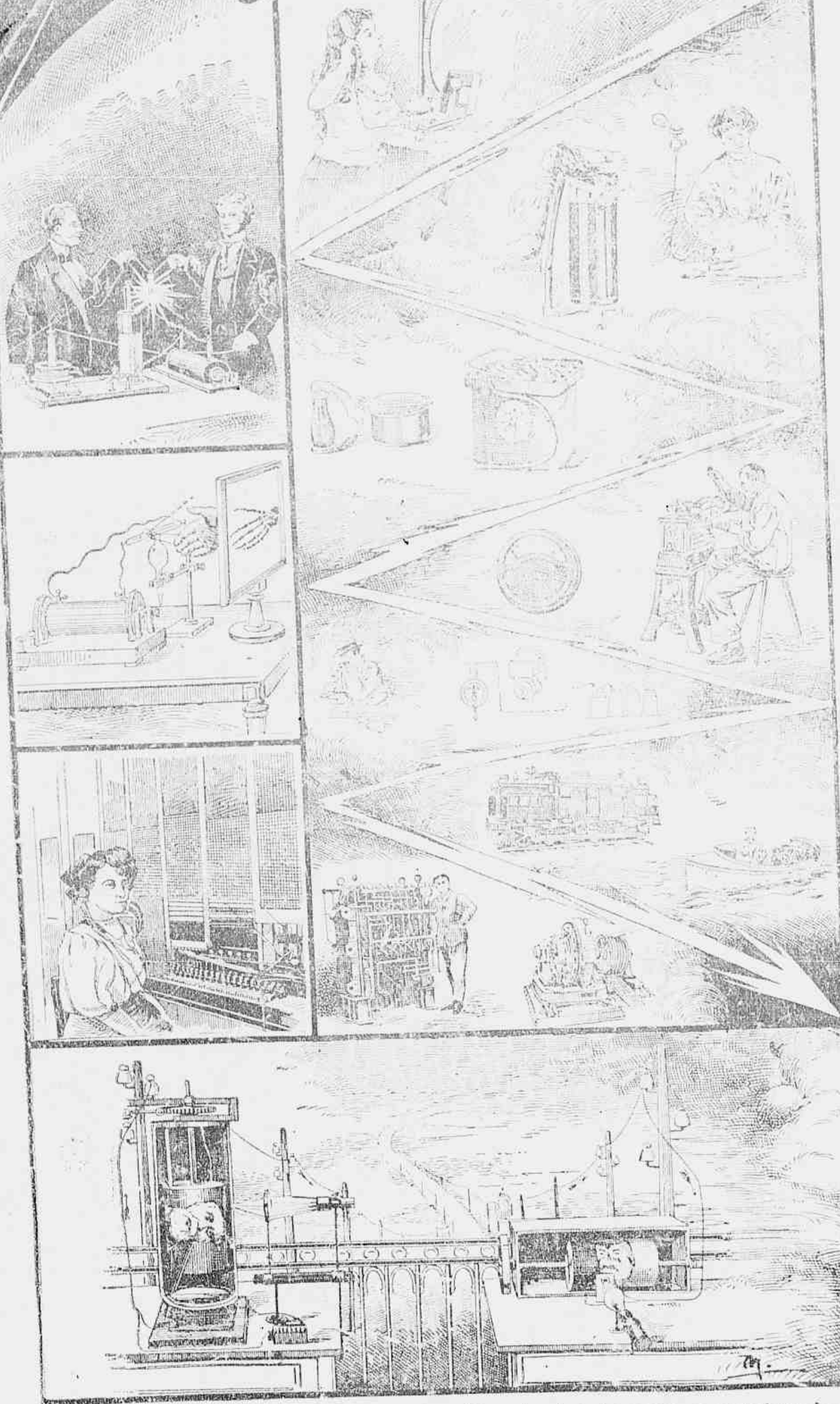
Tres exemplos do nosso grande sortimento de adornos para cabello

No. 26250—8$

No. 29993—18$
De imitação de tartaruga.

No. 26302 — 3$5

No. 26839—25$000
Bolsa de moire seda com fechadura d'imitação de tartaruga. Com espelho e couro.

Existem outros modelos de bolsas de seda e couro.

Chegou mais uma remessa de toucas para meninas e creanças

N. 22501 — 10$
Forrada de seda.

No. 22503 — 16$

Peçam o nosso novo CATALOGO GRATIS

RUA DO OUVIDOR 187 e 189
RIO DE JANEIRO

ELECTRIC
MAGAZINE
Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saúde Felicidade
Uzae os Accumuladores Mentaes
Concedem, de um modo prático e em pouco tempo, dons ... para cura de dores e doenças, desenvolvimento do poder psychico ou magnetico, transmissão do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestão; inspirar amor, concordia ou amizade, desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os maus presagios; adivinhar; corrigir vicios; favorecer a sorte ou qualquer negocio; produzir, emfim, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comerciante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario, e mesmo qualquer senhora, lucrarão extraordinariamente com estes Accumuladores.
Um Accumulador sozinho dá rezultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, são muito mais eficazes para qualquer fim. Rezultados garantidos por notabilidades. Preço de cada um, 33$000 rs (dinheiro brazileiro), ou 55 francos. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções em portuguez. Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a
LAWRENCE & C.
45-Rua da Assemblea 45
RIO DE JANEIRO-BRAZIL
Enviae mil réis de sêlos dentro de carta, e recebereis um Magazine completo

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14